

A fé sem obras está morta

assim como o corpo sem o espírito está morto, assim também a fé sem obras é morta (Tg 2:26)

*Porque o Filho do Homem há de vir na glória de seu Pai, com os seus anjos, e, então, **retribuirá a cada um conforme as suas obras.** (Jesus - Mt 16:27).*

Prefácio

Entendemos que não há divergências no quesito “**A fé sem obras está morta**”. Em vista disso, se nos é apresentado por critério de julgamento “**a cada um segundo as suas obras**”, vemos que o princípio de julgamento é baseado nas obras, ou seja, sua presença ou ausência decidem nosso destino, o que nos leva à conclusão de que seremos medidos ou salvos por elas. Desta maneira, iremos subdividir os assuntos em tópicos, a fim de corroborar essa tese e também para facilitar o acompanhamento dos leitores.

* Considerações Preliminares	2
1. O amor cobre pecados - verdade ou mentira?	2
2. Estamos livres das consequências dos nossos atos?	2
3. Misericórdia quero e não sacrifícios	3
4. A Porta Estreita como analogia as Virtudes	6
5. Houve ou não o progresso da humanidade?	7
6. O dilema da Parábola do Bom Samaritano	9
7. Devemos ou não praticar o Evangelho?	11
8. O conceito de fé e obras por Paulo e Tiago	11
9. O segundo capítulo da epístola de Tiago e a exortação das boas obras	15
10. A parábola das Ovelhas e Cabritos. O que decide a salvação?	16
11. I Coríntios 13, o conhecimento pleno e a prática do Amor	18
12. A fé está acima das obras?	20
13. Seremos julgados pela fé, ou pelas obras?	21
14. O pensamento de Paulo e o combate ao farisaísmo	24
15. As Obras da Lei e as Boas Obras segundo Paulo	27
16. O pensamento de Pedro	35
17. O pensamento de João	37
* Considerações finais	37

* Considerações Preliminares

O objetivo é estabelecer o critério de julgamento de acordo com a verdade, e não é outra coisa o que ensina o Espiritismo. Seu princípio é “a cada um segundo as suas obras”. Esta é a ideia não contestada e se esta regra se encontra nos Evangelhos, apresentada como critério de julgamento, fica claro que é pelas obras que seremos recompensados e não pela fé, ou religião que professamos.

Neste intento, nos é questionado por alguns “que as passagens que aceita da Bíblia estão todas certas, nenhum questionamento são feitas a elas?” A recomendação do próprio apóstolo Paulo é de “examinar todas as coisas e reter o que é bom”. Se há esta recomendação, nem tudo pode ser aceito, cegamente, sem antes ser julgado ou examinado. Ademais, a Codificação não advoga para si a infalibilidade e muito menos verdade absoluta, pois essa só a Deus pertence.

1. O amor cobre pecados - verdade ou mentira?

Neste primeiro tópico, trataremos do amor que cobre multidão de pecados, ideia defendida, de acordo com a Bíblia. Alguns contestam nossa defesa da fé sem obras é morta, julgando que é necessário estes elementos (amor e ensino de Cristo mais as vivências nas diversas reencarnações) para o resgate das nossas faltas. Todavia, dizem ainda que quando parafraseamos Pedro em dizer que “O amor cobre multidão de pecados”, julgam que o amor dá a remissão dos pecados, não haveria a necessidade de reencarnações, bastaria amar e ter seus pecados remidos e, conseqüentemente, viver uma única vida. O assunto aqui não é reencarnação, mas se as nossas explanações foram convincentes nos textos “Diálogo entre Jesus e Nicodemos” e “Analisando Norman Geisler, Elias é ou não João Batista?”. Nestes estudos, abordamos com abrangência o assunto referente à reencarnação.

Passemos adiante e analisemos a passagem na carta de Pedro, a fim de iniciarmos a nossa análise.

“Acima de tudo, porém, tende amor intenso uns para com os outros, porque o amor cobre multidão de pecados”. (1 Pe 4:8)

Conforme tal citação da primeira epístola de Pedro, lembramos que a nossa intenção era a de propor aos demais leitores que devemos nos ater em amarmos uns aos outros, a fim de que possamos cobrir as nossas faltas e débitos para com a justiça divina, umbilicalmente ligada com a nossa proposta das análises a serem aprofundadas da parábola do Jovem Rico, da parábola do Mordomo Infiel e da passagem do encontro de Jesus com Zaqueu. Todas estas abordagens e parábolas estão desenvolvidas no texto “Seremos salvos ou temos que nos salvar?”. Neste intento, conforme foi dito, esta é a necessidade de que nos amarmos uns aos outros, suportando nossos defeitos, nos auxiliando mutuamente é que certamente seremos levados pelo caminho que aponta à porta estreita das virtudes.

2. Estamos livres das consequências dos nossos atos?

Jesus veio nos apontar o caminho para alcançarmos as virtudes celestes, burilando os nossos vícios através da prática de seus ensinamentos. Ademais, é neste ponto que nos concentramos, ou seja, na prática das boas obras exemplificadas pelo Mestre.

Na concepção dogmática, Jesus veio ao mundo para tirar nossos pecados, ou erros, através do derramamento de seu sangue, porém isto implicaria em seqüência na perfeição dos nossos atos para com a Justiça Divina e, por conseguinte, para com o nosso próximo que para mim é a perfeição que somente será alcançada através do esforço pessoal, na prática do Evangelho ao longo dos séculos, pelo espírito que alavanca e sobe a cada degrau na evolução de suas virtudes, através das vidas sucessivas, a fim de chegar à estatura mediana do Mestre, ou seja, sermos perfeitos como o Pai celestial o é. O aceite de um sacrifício expiatório não faz sentido, pois não nos torna perfeitos nem nos livra do dever de nos esforçarmos em adquirir na prática diária, as virtudes celestes.

Entretanto, como estas mesmas virtudes não são e nem serão angariadas sem nos esforçarmos ao longo de diversas experiências das vidas sucessivas, é completamente ilógico crer que Jesus teria “vindo para tirar os nossos pecados, porém isto não nos faz uma pessoa perfeita, sem direito a falhar em nenhuma outra vez”, segundo os que aceitam a graça pela fé apenas. Se Jesus veio a nos tirar os nossos erros, logo teríamos que ser uma pessoa perfeita, pois se Ele nos tirou algo imperfeito é que já não o temos, ou seja, os nossos defeitos. O que defendemos é que Jesus nos apontou um Caminho, sendo este através do esforço em adentrar na porta estreita das virtudes e sem nos esforçarmos, nenhum mérito haveria de seguirmos a Ele.

O mais estranho na argumentação desses mesmos que aceitam a graça pela fé apenas é que o que “Cristo fez foi nos livrar da consequência do pecado em nossa vida espiritual (separação de Deus), nos ligando a Deus, pelo seu sangue, de modo que possamos ser filhos de Deus. Entendam, pelo sangue estamos sem defeito perante Deus, e é estranho, para não escrever outra coisa”. Ou seja, Jesus nos retirou a responsabilidade de nossos atos através de sofrer a consequência deles e que não somos mais cobrados pelo que fizemos de errado, porém, podemos errar, ou pecar, mas não iremos arcar com estes erros, já que Jesus os quitou com a Justiça Divina. Algo que nem mesmo Jesus pregou, mas disse:

“com o critério com que julgardes, sereis julgados; e, com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também”. (Mt 7:2).

Neste intento, estabelece-se um princípio de que "colhemos o que tivermos plantado". "a sementeira é livre, mas a colheita é obrigatória". "Na mesma medida com que medirdes, sereis medidos".

Sobre a transubstanciação, aprofundamos ainda mais este tema no texto já citado “*Seremos salvos ou temos que nos salvar?*”. Todavia se pelo sangue de Jesus estamos sem defeito perante Deus, poderíamos, assim como uma analogia, transgredir todos os Seus princípios, pois não somos mais responsabilizados pelos nossos atos. Seria como uma terceirização ou transferência de responsabilidade, o que Jesus não pregou.

3. Misericórdia quero e não sacrifícios

O sacrifício vicário que Jesus nos enfatiza de que a misericórdia (perdão) está acima dos sacrifícios. Vejamos:

*Ide, pois, e aprendei o que significa: **Misericórdia quero, e não sacrifícios.** Porque eu não vim chamar justos, mas pecadores (Mt 9:3).*

Os que aceitam a graça pela fé apenas apontam a resposta desta passagem em Os 6:6. Vejamos a passagem:

*“porque **eu quero o amor mais que os sacrifícios**, e o conhecimento de Deus mais que os holocaustos”. (Os 6:6)*

Dizem que “Jesus veio para cessar com os sacrifícios no antigo testamento, oferecendo a Si mesmo. Contudo, eles ainda dizem que não está Cristo desabonando o que Deus Pai implantou”. Ou seja, se Jesus veio para cessar com os sacrifícios e oblações do AT, não faria sentido o que Ele mesmo disse, pois disse que estes mesmos sacrifícios não eram necessários e não se enquadravam na vontade divina, já naquele momento. Não é uma questão de desabono a uma determinação da Torah e sim de uma nova vertente, apontando um ensinamento que apresenta o Evangelho como modelo e guia para que déssemos mais ênfase à prática de sua moral e nos suportarmos uns aos outros como irmãos, a fim de alcançarmos as virtudes celestes através do esforço em adentrar a Porta Estreita. Esta é a ênfase, e não dar credibilidade para os sacrifícios que não eram e nunca foram necessários, segundo o Cristo.

Os mesmos que aceitam a graça pela fé apenas apresentam ainda o texto de Rm 10:1-3. Examinemos abaixo o texto:

“Irmãos, o desejo do meu coração e a súplica que dirijo a Deus por eles são para que se salvem. (2) Pois lhes dou testemunho de que têm zelo por Deus, mas um zelo sem discernimento. (3) Desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria justiça, não se sujeitaram à justiça de Deus”. (Rm 10:1-3)

É fato de que até o verso 15 desta passagem trata-se da conclusão de uma exortação de Paulo se dirigindo aos Judeus que rejeitaram a vinda de Jesus. Acreditamos que Jesus é o Messias e mesmo assim nos dizem que “a mesma analogia feita por Paulo aos judeus cabe com relação aos demais povos, quando estes tentam alcançar a Salvação por seus próprios meios”. Este argumento caberia somente aos que não acreditam em Jesus. Que meios são esses aventados? Não seriam as obras de amor para com o próximo (Mt 25:31-46), como tentam reverter os que aceitam a graça pela fé apenas, mas sim as obras da lei de Moisés que iremos esclarecer mais adiante.

Nesta passagem, Paulo enfatiza que quem praticar a justiça decorrente da Lei, este viverá por ela. E nunca que Paulo quis dizer que iríamos angariar a salvação por nossos próprios meios ou pela Lei contida na Torah. A tentativa dos que aceitam a graça pela fé apenas é de dizer que “a fé era acompanhada das obras, mas as obras se viessem sem fé, de nada adiantavam”. Como poderia, neste contexto e no que dissemos, afirmarmos que iríamos praticar aquilo em que não acreditamos? É isso que reza a passagem de Romanos trazida. Se não houver as obras de amor para com o próximo, a fé é morta, pois nada produz. Agora, se há obras de frutos de amor ao próximo, alguém duvida que inexista a fé em algo superior? É pelos frutos que conhecemos a árvore e se não há frutos na árvore, é porque esta é estéril e nada produz. Agora, dizer que pode haver frutos sem a árvore, aí é forçar a barra e tentar provar que há efeito sem causa! Ao citarem Os 6:6 (segunda parte), dizem os que aceitam a graça pela fé apenas que isolamos o contexto. Mas quem primeiro fez isso foi o Cristo. Defendeu uma ideia com base tão somente na primeira parte,

desprezando a segunda. Já os que aceitam a graça pela fé apenas enfatizam a segunda parte, desprezando a primeira. De um lado temos o Cristo, de outro os que aceitam a graça pela fé apenas. O Cristo diz que Deus não quer sacrifícios, os contraditores tentam provar o contrário. Ficamos com Jesus.

Ademais, na parte terceira, capítulo dois que trata da “Lei da Adoração”, da obra “O Livro dos Espíritos”, Kardec nos elucida com seus questionamentos e a resposta dos espíritos, sobre a questão dos sacrifícios:

669. O hábito de sacrifícios humanos vem da mais alta Antiguidade. Como o homem pôde ser levado a acreditar que tais coisas pudessem ser agradáveis a Deus? – Primeiramente, porque não compreendia Deus como fonte da bondade. Entre os povos primitivos, a matéria domina o espírito; eles se entregam aos instintos animais, é por isso que são geralmente cruéis, porque o seu sentido moral ainda não se desenvolveu. Além disso, os homens primitivos deveriam acreditar, naturalmente, que uma criatura viva tinha muito mais valor aos olhos de Deus do que um morto. Foi isso que os levou a sacrificar primeiro os animais e em seguida os homens, uma vez que, seguindo sua falsa crença, pensavam que o valor do sacrifício estava diretamente ligado à importância da vítima. Na vida material, se oferecemos um presente a alguém, o escolhemos de um valor tanto maior quanto queremos demonstrar à pessoa mais amizade e consideração. Devia ocorrer o mesmo com os homens ignorantes em relação a Deus.

669a. Assim, os sacrifícios de animais teriam precedido os sacrifícios humanos? – Sim. Não há dúvida.

669b. Então, de acordo com essa explicação, os sacrifícios humanos não teriam sua origem num sentimento de crueldade? – Não, mas numa ideia errônea de ser agradável a Deus. Vede o que ocorreu com Abraão². Depois, os homens abusaram ao sacrificar seus inimigos. Porém, Deus nunca exigiu sacrifícios de animais nem de homens; Ele não pode ser honrado com a destruição inútil de sua própria criatura.

670. Os sacrifícios humanos feitos com intenção piedosa algumas vezes puderam ser agradáveis a Deus? – Não, nunca. Mas Deus julga a intenção. Os homens, sendo ignorantes, podiam acreditar que faziam um ato louvável ao sacrificar um de seus semelhantes. Nesse caso, Deus apenas levava em conta o pensamento e não o fato. Os homens, ao se melhorarem, reconheceriam seu erro e reprovariam esses sacrifícios, que não deviam alcançar compreensão no pensamento dos Espíritos esclarecidos; digo esclarecidos porque os Espíritos estavam, então, envolvidos por um véu material, mas, pelo livre-arbítrio, podiam ter uma percepção de sua origem e finalidade, e muitos já compreendiam, por intuição, o mal que faziam, embora continuassem a fazê-lo para satisfazer suas paixões.

671. Que devemos pensar das chamadas guerras santas? O sentimento que leva pessoas fanáticas a exterminarem o máximo que puderem dos que não compartilham de suas crenças para serem agradáveis a Deus parece ter a mesma origem que os estimulava antigamente a sacrificar os seus semelhantes? – Eles estão envolvidos pela ação de maus Espíritos e ao guerrearem com seus semelhantes contrariam a vontade de Deus, que diz que se deve amar seu irmão como a si mesmo. Todas as religiões, ou melhor, todos os povos, adoraram um mesmo Deus, tenha um nome ou outro. Por que fazer uma guerra de extermínio apenas pelo fato de terem religiões diferentes ou não terem ainda alcançado o progresso dos povos esclarecidos? Os povos podem ser desculpados por não acreditarem na palavra daquele que era animado pelo Espírito de Deus e enviado por ele, principalmente quando não o viram e não foram testemunhas de seus atos; porém, como quereis que

acreditem nessa palavra de paz, quando pretendeis impor essa palavra com a espada na mão? Devemos levar-lhes o esclarecimento e procurar fazer-lhes conhecer a doutrina do Salvador pela persuasão e pela doçura, não pela força e pelo sangue. Na maioria das vezes, não acreditais nas comunicações que temos com alguns mortais; como haveis de querer que estranhos acreditassem na vossa palavra, quando vossos atos desmentem a doutrina que pregais?

672. A oferenda dos frutos da terra, feita a Deus, tem mais mérito aos seus olhos do que o sacrifício de animais? – Já vos respondi ao dizer que Deus julga a intenção e o fato tem pouca importância para ele. Seria evidentemente mais agradável oferecer a Deus frutos da terra do que o sangue das vítimas. Como já vos dissemos e repetimos sempre, a prece dita do fundo do coração é cem vezes mais agradável a Deus do que todas as oferendas que poderíeis lhe fazer. Repito que a intenção é tudo e o fato não é nada.

673. Não haveria um meio de tornar essas oferendas mais agradáveis a Deus se aliviassem as necessidades daqueles a quem falta o necessário; e, nesse caso, o sacrifício de animais, quando feito com um objetivo útil, não se tornaria meritório, embora fosse abusivo quando não servia para nada ou só tinha proveito apenas para as pessoas que não tinham necessidade de nada? Não haveria alguma coisa de verdadeiramente piedoso em consagrar aos pobres os primeiros frutos dos bens que Deus nos concedeu na Terra? – Deus abençoa sempre aqueles que fazem o bem, e aliviar os pobres e aflitos é o melhor meio de honrá-Lo. Não quero dizer, entretanto, que Deus desaprova as cerimônias que fazeis por devoção, mas há muito dinheiro que poderia ser empregado mais utilmente e não é. Deus ama a simplicidade em todas as coisas. O homem que fundamenta sua crença nas exterioridades e não no coração é um Espírito com vistas estreitas. Julgai se Deus deve se importar mais com a forma do que com o conteúdo.

1. Resposta dada pelo Espírito de M. Monod, pastor protestante de Paris, falecido em abril de 1856. A resposta anterior, nº 664, é do Espírito São Luís (N. K.).
2. **Abraão:** patriarca da Bíblia que se propôs a sacrificar Isaac, seu filho, a Deus, como prova de obediência, mas pela intervenção de um Espírito foi impedido de fazê-lo – Veja em *Gênese*, 22 – (N. E.). (KARDEC, A., *O Livro dos Espíritos*, Parte Terceira, Capítulo 2, Lei de Adoração)

4. A Porta Estreita como analogia as Virtudes

Sobre este assunto da Porta Estreita como alusão as virtudes, iremos enfatizar esta passagem com mais profundidade no texto “*Seremos salvos ou temos que nos salvar?*”. Todavia, iremos apenas comentar a ideia central de alguns que aceitam a graça pela fé apenas que entendem um outro entendimento, que nem mesmo Jesus mencionou, na passagem de Lc 13:22-30. Vejamos a passagem:

*“(22) Sempre em caminho para Jerusalém, Jesus ia atravessando cidades e aldeias e nelas ensinava. (23) Alguém lhe perguntou: Senhor, são poucos os homens que se salvam? Ele respondeu: (24) **Procurai entrar pela porta estreita; porque, digo-vos, muitos procurarão entrar e não o conseguirão.** (25) Quando o pai de família tiver entrado e fechado a porta, e vós, de fora, começardes a bater à porta, dizendo: Senhor, Senhor, abre-nos, ele responderá: Digo-vos que não sei de onde sois. (26) Direis então: Comemos e bebemos contigo e tu ensinaste em nossas praças. (27) Ele, porém, vos dirá: Não sei de onde sois; apartai-vos de mim todos vós que sois malfeitores. (28) Ali haverá choro e ranger de dentes, quando virdes Abraão, Isaac, Jacó e todos os profetas no Reino de Deus, e vós serdes lançados para fora. (29) Virão do oriente e do ocidente, do norte e do sul, e sentar-se-ão à mesa no Reino de*

Deus. (30) Há últimos que serão os primeiros, e há primeiros que serão os últimos". (Lc 13:22-30)

Em consonância com os ensinamentos de Jesus sobre a importância de nossa dedicação e esforço em adquirirmos as virtudes, segundo o entendimento da parábola da porta estreita, os que aceitam a graça pela fé apenas terminam por não concordar com este posicionamento de Jesus. Dizem ainda os que aceitam a graça pela fé apenas que nossa análise faz "alusão ao 'esforço' mencionado por Jesus, pois vos digo que muitos procurarão entrar, mas se esquece de fazer a mesma alusão, até porque não conseguirá, de que muitos destes que se 'esforçarem' não poderão entrar (verso 24), num claro e grave contraste com a doutrina espírita, que não prega condenação eterna".

Realmente não é pregada a condenação eterna na doutrina espírita. Entretanto, acreditamos que ao redigimos o verso 24 "*Esforçai-vos por entrar pela porta estreita; porque eu vos digo que muitos procurarão entrar, e não poderão*". O que nos cabe aqui é esclarecer que não há no texto a seguinte frase dita pelos que aceitam a graça pela fé apenas: "de que muitos destes que se 'esforçarem' não poderão entrar (verso 24)". O que há no princípio do texto (v 24) é de que devemos nos esforçar em adentrar a Porta Estreita e na segunda parte deste verso, vemos que muitos procurarão entrar, e não poderão. Ou seja, muitos procurarão entrar sem nenhum esforço e não poderão, já que Jesus não poderia condenar os que praticaram a Sua própria recomendação de "*Esforçai-vos por entrar pela porta estreita*".

No desfecho desta passagem, os que aceitam a graça pela fé apenas, nos asseveram que "se alguém se encontra em falhas, pela doutrina espírita, terá que sofrer novas encarnações (é ou não é?)". Novas encarnações implicam em novas chances de aperfeiçoamento e correção. A punição divina é sempre corretiva e visa sempre a um restabelecimento do infrator. Até que ele se ajuste às leis divinas, o sofrimento é inevitável. Isto é mais animador do que pensar que um indivíduo tenha que sofrer eternamente por faltas cometidas numa breve existência, na maioria das vezes interrompida por causas adversas, fora de seu controle, e sem que ele tenha a chance ou tempo de se arrepender e reparar todas as faltas. Acreditamos que se nos encontramos com defeitos, não possuindo a plenitude das virtudes, como ficaria então para o dogmatismo essas nossas falhas? Seriam transformadas em virtudes sem nenhum esforço? Pois, se não temos a possibilidade de voltarmos e persistirmos na prática do Evangelho, a fim de angariar estas mesmas virtudes, como ficaríamos para as adquirir em apenas uma vida? Impossível, sem a reencarnação não há o entendimento acerca da justiça Divina.

Os que aceitam a graça pela fé apenas concluem ao contexto de Lucas 13 da maneira de "sustentar sua teoria do 'esforço' de entrar pela porta estreita, algo terá que mudar em sua resposta para englobar estes que ficarão de fora, nas palavras de Jesus, lançados fora, pois pela tal porta estreita não poderão entrar de jeito nenhum (v. 24 e 25)". Entendemos que os que ficarão de fora foram justamente os que procuraram entrar pela porta estreita, porém, sem nenhum esforço, por este motivo é que ficaram de fora. Todavia, assim como na parábola do filho pródigo, o problema reside na pessoa, mas o Senhor sempre estará de braços abertos ao regresso do filho arrependido.

5. Houve ou não o progresso da humanidade?

Entendemos que o fim dos tempos elucidado pela Doutrina Espírita diz que é o

fim do mundo velho e o nascer de um mundo novo e grandes transições são turbulentas, pois há um choque de ideias que venham a causar a grande tribulação profetizada por Jesus, nos dias de hoje, bem como desastres naturais para resgate de faltas coletivas e aceleração do progresso da humanidade através da fraternidade.

Acreditava-se que devido a grandes perseguições e guerras ocorridas por volta dos anos 60dC e 70dC, marcando a queda de Jerusalém, vemos que os Cristãos primitivos criam no retorno de Jesus, porém, ao analisar os fatos históricos e escatológicos, identificamos que não houve tal regresso, mas verificamos a destruição do Templo de Salomão e eventos tais que são comuns a um período de transição, mesmo que tempestuosa, mas salutar. O que vemos nos dias de hoje já não é diferente.

Ao apresentar a evolução dos direitos humanos nas nações de hoje que proíbem veementemente as perseguições religiosas e ideológicas, diferentes de outrora, dos tempos do Império Romano que a mando dos Césares, mandavam cristãos para os espetáculos de horror no Coliseu em Roma. Contudo, os que aceitam a graça pela fé apenas dizem que “existe a perseguição dos muçulmanos aos cristãos no Oriente Médio, ou Palestina, sendo um fato similar ao que o império romano na primeira era cristã”.

Os que aceitam a graça pela fé apenas ainda nos questionam: “sabiam que ainda hoje em muitos países muçulmanos, por exemplo, paga-se com a vida o simples fato da menção do nome de Jesus Cristo? Você sabe quantos missionários existem nestes e em outros países que correm risco de morte?” Chegando a meditar nesta exemplificação que muitos que aceitam a graça pela fé apenas apresentam, refletimos os dois lados da moeda. Por um lado, os muçulmanos que têm uma fé baseada no Alcorão, têm a sua vertente radical que não é tolerada pelos verdadeiros muçulmanos que procuram seguir a sua fé e respeitam a do seu semelhante. Por outro lado, vemos os Cristãos ocidentais, que representados pelos EUA, sendo de protestantes a maioria do credo dos Norte-Americanos, representados pelo governo de Bush que desde seu pai busca meios de invadir os países árabes, a fim de promoverem uma guerra inócua e sem motivo, única e exclusivamente para angariar mais petróleo de suas multinacionais e movimentar o mercado de armamento bélico da superpotência americana.

Com o pequeno esboço apresentado, é claro que vemos missionários que são sérios e buscam, não somente, exercer no Oriente Médio o apoio e a ajuda solidária aos povos mais necessitados, mas também os vemos em outras nações, tais como a África que têm um quadro de exploração e miséria deploráveis. Tendo isto em mente e sem generalizarmos, vemos que, infelizmente os bons pagam pelos maus exemplos da representação governamental deste credo. Assim sendo, como são completamente reprimidos os muçulmanos, certamente veremos movimentos radicais e estes espalham o terrorismo a inocentes, acreditando que estão justamente fazendo o certo através da retaliação, ou até mesmo da lei de talião.

Fazendo jus aos fatos, vemos o estado de Israel numa batalha sangrenta contra os muçulmanos pela Terra Prometida. Por uma causa muito maior, existe uma mesquita sobre a ruína do Templo de Salomão, onde até uns acreditam que se esta mesquita for retirada deste lugar, a 3ª guerra mundial terá o seu início. Acredito que esta mesquita é para realmente mostrar que Deus é um só e que Seus princípios são universais, independentemente da crença.

Diante desses fatos, ainda nos dizem os que aceitam a graça pela fé apenas: “sabe quais são as mesmas características desta perseguição aos cristãos hoje em

dia com as atrocidades no Coliseu? É que tanto em um lugar como em outro, não é fácil ser cristão, só se identificarão como cristãos aqueles que realmente forem”. Como os direitos humanos de todas as nações proibem a perseguição de um credo, ou de uma crença, vemos que tais atrocidades do Império Romano diferem, e muito, de um movimento radical que é o oposto da essência dos povos árabes, sendo estes em sua maioria praticantes do islamismo. Haja vista o fato que apresentamos dos péssimos exemplos cristãos, não devemos generalizar, pois existem os bons e sempre será pelos frutos (obras) que conheceremos a árvore. Uma boa árvore não dá maus frutos e uma árvore má não dá bons frutos. Se, serão pelas obras que iremos identificar os verdadeiros cristãos, e não apenas através do credo, é preciso ser nas atitudes e não nas palavras.

Se a legislação atual proíbe tais eventos atrozes que ocorriam com naturalidade na era dos cristãos primitivos, somos impelidos a crer que a humanidade progrediu não somente neste aspecto, mas em muitos outros. Em desfecho ao que apresentamos, concluem os que aceitam a graça pela fé apenas que “no Brasil e em outros lugares do mundo onde há liberdade religiosa é tão fácil ser cristão, quaisquer pessoas e religiões que peguem, mesmo que 1% da doutrina de Cristo, já se arvoram em serem chamados de cristãos. Nestes lugares onde não há perseguição direta contra os cristãos, acredita-se que isto seria uma ‘evolução’ ou apenas uma maneira de, como diz um velho adágio ‘*não consegue destruir seus inimigos, junte-se a eles*’?” O verdadeiro cristão será reconhecido pelos seus atos, ou seja, pelas suas obras que serão medidos e vistos e não pela fé que professa, ou a religião que segue, mas pelas suas obras, tanto que quem tiver fé e não tiver obras, a sua fé é morta. O adágio apresentado de que: “*não consegue destruir seus inimigos, junte-se a eles*” procederia se os árabes se juntassem aos perseguidos. Todavia, nos aponta o Evangelho em perdoar os inimigos, amar aqueles que nos odeiam e orar por aqueles que nos perseguem. Certamente, se praticarmos estes ensinamentos, verão que somos verdadeiros cristãos, sem precisar nos juntar a eles, mas respeitá-los, procurando cessar a violência com a prática do amor e do perdão.

6. O dilema da Parábola do Bom Samaritano

Muitos dos que aceitam a graça pela fé apenas, dizem que o Samaritano estava salvo pelo paralelo feito com o Sermão da Montanha que está em Mt 5:1-48; Lc 6:20-23; Mc 9:49-50; Lc 14:34-35. Ocorre que a passagem da parábola do Bom Samaritano está em Lc 10:25-37. Com isso, citamos a parábola abaixo:

E eis que se levantou certo doutor da lei e, para o experimentar, disse: Mestre, que farei para herdar a vida eterna? Perguntou-lhe Jesus: Que está escrito na lei? Como lês tu? Respondeu-lhe ele: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo. Tornou-lhe Jesus: Respondeste bem; faze isso, e viverás. (Lc 10:25-28)

Entretanto, segundo os que aceitam a graça pela fé apenas, logo não poderia ser uma parábola, ou história que Cristo contava para ilustrar algum ensinamento, apenas ensinam como devem agir os que crêem Nele (que era o público alvo do sermão). Se Jesus foi interrogado por um Sacerdote, ou até mesmo por alguns dos Fariseus no local onde foi ministrada a Parábola, é porque não era para os que acreditavam em Jesus que ele estava pregando e sim para os que o testavam e sempre o colocavam à prova. Prosseguimos com a parábola:

*“Ele, porém, querendo justificar-se, perguntou a Jesus: E quem é o meu próximo? Jesus, prosseguindo, disse: Um homem descia de Jerusalém a Jericó, e caiu nas mãos de salteadores, os quais o despojaram e espancando-o, se retiraram, deixando-o meio morto. Casualmente, descia pelo mesmo caminho certo sacerdote; e vendo-o, passou de largo. De igual modo também um levita chegou àquele lugar, viu-o, e passou de largo. **Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou perto dele e, vendo-o, encheu-se de compaixão; e aproximando-se, atou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho; e pondo-o sobre a sua cavalcadura, levou-o para uma estalagem e cuidou dele. No dia seguinte tirou dois denários, deu-os ao hospedeiro e disse-lhe: Cuida dele; e tudo o que gastares a mais, eu to pagarei quando voltar**”. (Lc 10:29-35)*

Tendo em vista que esta parábola refletia um ensinamento aos Sacerdotes, Levitas, Fariseus, dentre outros religiosos mais que colocavam as práticas exteriores acima do amor ao próximo, expressado anteriormente na mais ampla aplicabilidade prática e diária, há um ensinamento implícito nesta passagem que precisa ser desvelado. O ensino propiciado por Jesus nessa edificante parábola é dos mais significativos. Nele há o exercício da caridade despreziosa, incondicional, em seu sentido amplo, sem limitações.

O samaritano, considerado herege e apóstata pelos judeus ortodoxos, foi o paradigma tomado pelo Mestre para nos ensinar tão profundo ensinamento. **O "X" da parábola consiste em fazer evidenciar aos nossos olhos que, o indivíduo que se intitula religioso e se julga virtuoso aos olhos de Deus, nem sempre é o verdadeiro expoente de virtudes que julga possuir.** Ensina aos outros como fazer caridade, mas ele nem de longe quer praticá-la. O sacerdote que passou primeiramente, certamente atribuía a si qualidades excepcionais e se julgava zeloso cumpridor da lei e dos preceitos religiosos. Ao deparar com o moribundo, quem sabe balbuciou uma prece em seu favor, mas daí até a ajuda direta a distância é enorme. O mesmo deve ter sucedido com o levita um homem considerado especial dentre os demais por fazer parte da Tribo de Levi, sendo esta uma das 12 Tribos de Israel. Diante destes dois exemplos, poderíamos considerar que o Sacerdote e o Levita, mesmo que ocupando os mais prestigiosos cargos Religiosos e muito respeito pelo povo Judeu, não tiveram condições de expressarem o verdadeiro amor ao próximo como Virtude Ativa (Caridade), pois estavam presos aos hábitos exteriores da fé sem obras e, por conseguinte, morta!

O samaritano, considerado desprezível pelos judeus ortodoxos, devido a preconceitos religiosos, mas cumpridor dos seus deveres humanos, não se limitou a condoer-se do moribundo. Chegou-se a ele e o socorreu da melhor forma possível, levando-o em seguida a um lugar de repouso onde o assistiu melhor, recomendando-o ao hospedeiro e prontificando-se a ressarcir todos os gastos quando de sua volta. O amor ao próximo, ou a caridade (virtude ativa) foi ali dispensada a um desconhecido, e quem a praticou não objetivou recompensa, o que não é muito comum na Terra, onde todos aqueles que praticam atos caridosos, logo pensam nas recompensas futuras, na retribuição da vida espiritual.

Os samaritanos eram dissidentes do sistema religioso implantado na Judéia, eram provenientes de Samaria, adversários e contrários a todo e qualquer sistema religioso da época. Com o intuito de demonstrar a precariedade dos ensinamentos da religião oficial e com o paradoxo deste exemplo do Samaritano, Jesus passou não somente o ensinamento àqueles Judeus ortodoxos, mas a toda a humanidade de que vamos ser todos julgados pelas obras e não pela religião, ou fé que professamos.

No desfecho da parábola, entendemos a recomendação de Jesus:

“Qual, pois, destes três te parece ter sido o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores? Respondeu o doutor da lei: Aquele que usou de misericórdia para com ele. Disse-lhe, pois, Jesus: Vai, e faz tu o mesmo. (Lc 10:36-37).

Não obstante, se "Amar o próximo como a nós mesmos", está de acordo com a parábola acima, logo está em consonância com as passagens de Mt 7:22-24, Mt 25:31-46 e Mt 6:3 que iremos analisar mais adiante. Diante de toda a análise desta parábola, vemos ainda os que aceitam a graça pela fé apenas desviando do assunto acerca da Parábola do Bom Samaritano, nos dizendo que: "há outros mandamentos, outras boas obras a se fazer, como por exemplo crer naquele que Deus enviou que, dentre tantas coisas". Citam ainda as passagens abaixo:

“Por isso vos disse que morrereis em vossos pecados; porque, se não crederdes que eu sou, morrereis em vossos pecados”. (Jo 8:24).

E a passagem:

“pois isto é o meu sangue, o sangue do pacto, o qual é derramado por muitos para remissão dos pecados”. (Mt 26:28).

Perguntamos: Estas duas passagens referem-se à Parábola do Bom Samaritano? Cremos que não, com isso o que ficou claro é que não há outro entendimento, senão o que nos propusemos e elucidamos. Sobre a questão de acreditar que Jesus é o Messias, os espíritas acreditam e sobre a questão da transubstanciação, analisamos no texto “Seremos salvos ou temos que nos salvar?”.

7. Devemos ou não praticar o Evangelho?

Segundo o nosso questionamento: o que adianta ser um Pastor, um Padre, ou qualquer outro líder religioso, ou ainda membro praticante de uma religião qualquer que não põe o Evangelho em prática? Respondem os que aceitam a graça pela fé apenas “não adianta nada. Assim como também não adianta crer em parte do que pregou Cristo e dizer que a outra parte foi ‘ensinamentos mal compreendidos’ (sutil sinônimo de mentira). Faça as boas obras, continue-as praticando, porém não ponha apenas metade do Evangelho em prática, creia no mesmo Cristo que nos trouxe, além do ensino sobre as boas obras, o ensino que para o homem é impossível a Salvação por seus próprios esforços somente (Mt 19:26)”. Entendemos que os ‘ensinamentos mal compreendidos’ como ‘sutil sinônimo de mentira’ alegado pelos que aceitam a graça pela fé apenas são as muitas coisas que Jesus tinha a dizer, Ele não disse por que seriam ‘mal compreendidos’, além disso, tudo que Ele disse precisaria ser "lembrado", seria tudo isso "sinônimo de mentira"?

Acerca da parábola do bom samaritano, questionamos: o que adiantava ser sacerdote, levita ou doutor da lei se não cumpre com os mandamentos de Cristo? Os que aceitam a graça pela fé apenas até concordam em dizer que ‘não adianta nada’ e por este motivo que a fé sem obras está morta! Como ele diz que acreditar em Jesus não é suficiente, temos que por os Seus ensinamentos em prática é isso que sempre iremos defender – a prática do Evangelho!

8. O conceito de fé e obras por Paulo e Tiago

Neste tópico abordaremos a visão de Paulo e de Tiago, mediante o conceito de fé e obras que ambos tinham, a quem eles se dirigiam e a palavra final de Jesus. Alguns que aceitam a graça pela fé apenas ignoram o pensamento deste apóstolo que tanto contribuiu para pregar a essência dos ensinamentos de Jesus, sem contradizer o combate de Paulo contra o farisaísmo e o apego às liturgias Judaicas de sua época.

Segundo esses mesmos que aceitam a graça pela fé apenas, eles dizem que “o apóstolo Tiago realça muito mais as obras do que os outros escritores bíblicos”. Com isso, encontramos na epístola de Tiago:

*E sede **cumpridores da palavra**, e não somente ouvintes, enganando-vos com falsos discursos. Porque, se alguém é ouvinte da palavra, e não cumpridor, é semelhante ao homem que contempla ao espelho o seu rosto natural; porque se contempla a si mesmo, e vai-se, e logo se esquece de como era. Aquele, porém, que atenta bem para a lei perfeita da liberdade, e nisso persevera, não sendo ouvinte esquecido, mas fazedor da obra, este tal será bem-aventurado no seu feito. Se alguém entre vós cuida ser religioso, e não refreia a sua língua, antes engana o seu coração, a religião desse é vã. **A religião pura e imaculada para com Deus, o Pai, é esta: Visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações, e guardar-se da corrupção do mundo.** (Tg 1:22-27)*

Prática das obras ou da fé? Tiago não deixa margem para nenhuma dúvida de que os “**cumpridores da palavra**” são os que praticam as boas obras. Essa colocação de Tiago é muito interessante: “**A religião pura e imaculada para com Deus é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações, e guardar-se da corrupção do mundo**”, ou seja, prática do amor ao próximo pela realização dos atos de caridade. E Tiago também diz:

*Todavia, se cumprirdes, conforme a Escritura, a **lei real: Amarás a teu próximo como a ti mesmo**, bem fazeis. (Tg 2:8).*

Após esta introdução, os que aceitam a graça pela fé apenas não satisfeitos, entendem que “obras, biblicamente falando, não são apenas as com o intuito de amor ao próximo, uma vez que Abraão não fez obra alguma ao próximo, e, sim, a Deus”. No segundo capítulo desta epístola, Abraão não realizou nenhuma obra ao próximo, porém, esta referência de Tiago era como uma alusão ao que o mesmo abre em seu capítulo com a seguinte **exortação da caridade para com o próximo**:

*Meus irmãos, qual é o proveito, se alguém disser que tem fé, mas não tiver obras? **Pode, acaso, semelhante fé pode salvá-lo? Se um irmão ou uma irmã estiverem carecidos de roupa e necessitados do alimento cotidiano, e qualquer dentre vós lhes disser: Ide em paz, aquecei-vos e fartai-vos, sem, contudo, lhes dar o necessário para o corpo, qual é o proveito disso? Assim, também a fé, se não tiver obras, por si só está morta.** (Tg 2:14-17).*

Na abertura desta exortação de Tiago, não há dúvidas de que ele enfatiza a caridade como uma expressão de amor ao próximo e este é o nosso entendimento, sendo o mesmo do apóstolo Tiago. Entretanto, para alguns que aceitam a graça pela fé apenas, Tiago “parece ensinar que a salvação é pelas obras, e não pela fé”. Ora, parece? Contudo a resposta do apóstolo diz o oposto:

***verificais que uma pessoa é justificada por obras** e não por fé somente. (Tg 2:24)*

Todavia, para que aceitam a graça pela fé apenas “isto é só aparência, é tão somente a fé que justifica. Tiago ao dizer o que disse, não soube se expressar e na verdade quis dizer o contrário”. Na tentativa de fundamentar este argumento, esses mesmos que aceitam a graça pela fé apenas dizem que “o próprio Lutero teve por um tempo este seu mesmo engano”. Engano? Vejamos que o próprio Lutero, ao elaborar as sua 95 teses, não foi contra as boas obras de caridade, mas principalmente contra o abuso da Igreja Católica, tornou-se público e notório o desvirtuamento da essência do Evangelho, descambando para a cobrança das indulgências. O que Lutero realizou foi insurgir contra a própria Igreja diante deste abuso e outros mais, enfatizando o desmerecimento da epístola de Tiago por haver este “desvio”.

Ao vermos a **21ª tese** de Lutero, viemos a encontrar:

*Erram, portanto, os **pregadores de indulgências** que afirmam que a pessoa é absolvida de toda pena e **salva pelas indulgências do papa.**^[1]*

Em consonância com as teses 23, 24, 28, 30, 31, 32, 33, 36, 42, 43, 44, 52, 53, 59, 62, 65, 66 e 67. Todas estas teses são veementemente **contra as cartas de indulgência** e não contra as boas obras. O que defendemos é que o mesmo abuso das indulgências, realizadas pela Igreja Católica na Idade Média, numa analogia, estes desvirtuamentos vêm sendo repetidos em muitas Igrejas Protestantes nos dias de hoje, com a ambição da arrecadação de dízimos e ofertas, angariando templos suntuosos e enriquecimento ilícito de muitos que se aproveitam. Não estamos generalizando, mas documentando um fato para que os cristãos que são sérios venham a se insurgir contra tais atos, assim como Lutero o fez com a cobrança das indulgências, denunciem estes que venham a realizar tais desvirtuamentos.

Passando adiante, dizem os que aceitam a graça pela fé apenas que “Paulo fala da fé para a **Salvação**, enquanto Tiago mostra as boas obras como **resultado** desta mesma fé”. De tudo não é verdade, pois Paulo se dirige aos que não têm a mesma fé que a dos cristãos primitivos, já que ele se dedica em sua maioria aos gentios e judeus que não acreditavam no messias e se apegavam aos devaneios do materialismo e das liturgias judaicas, sem esquecer-se das pregações e exortações aos cristãos primitivos.

O apóstolo Paulo enfatiza não a fé para a salvação, mas a Graça que é por meio da fé e das boas obras que iremos angariar a salvação, senão, se for por meio da fé somente, não haveria como sermos salvos, já que **a fé sem obras está morta** e foi isso que Tiago enfatizou, quando disse que:

***verificais que uma pessoa é justificada por obras** e não por fé somente. (Tg 2:24)*

*assim como o corpo sem o espírito está morto, assim também **a fé sem obras é morta** (Tg 2:26).*

Paulo prega a graça que vem por meio da fé e é consumada através das boas obras, e assim chega-se à salvação. Já Tiago prega a justificação pelas obras e não pela fé somente, trazendo assim o foco do tópico de que **a fé sem obras é morta** e conseqüentemente **não pode gerar como resultado a salvação**, já que a fé sem frutos é inoperante.

[1] http://pt.wikipedia.org/wiki/95_teses_de_Lutero, consultada julho 2006.

Continuando, caro leitor, os que aceitam a graça pela fé apenas pregam que: “O próprio apóstolo Paulo, em uma de suas cartas, junta o ensino dele com o de Tiago”:

*Porque pela graça sois salvos, **por meio da fé (1)**, e isto não vem de vós, é dom de Deus; não vem das obras, para que ninguém se glorie. Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus **para boas obras (2)**, as quais Deus antes preparou para que andássemos nelas. (Ef 2:8-9).*

Entretanto, **onde foi demonstrado** pelos defensores da graça que o apóstolo Paulo junta o ensino dele com o de Tiago? Em nenhum lugar, no entanto, **iremos realizar a comparação** dos dois textos em questão. Após a repetição desta mesma passagem predileta dos defensores da graça, este faz duas observações também já reprisadas do escrito anteriormente.

*** 1 Somos salvos por meio da fé, sem obras?** Ou com as boas obras? Se, somos salvos por meio da fé, tão logo a fé não é um fim e sim um meio de se chegar a esta salvação, tão logo, o fim desta mesma fé são as boas obras, gerando conseqüentemente a salvação, mas se **a fé sem obras está morta** são as obras que dão vida à fé. A vida está nas obras, assim como a vida do corpo está no espírito. Ao menos que se mude a essência deste tópico.

*** 2 Criados para e não salvos pelas boas obras.** Criados para as obras? Ou criados para a fé? Se fôssemos criados para a fé, logo ela seria um fim e não um meio. Para os leitores entenderem melhor, a fé a que se refere Paulo é um meio de se chegar a graça que somente é **consumada através das obras**. Tão logo, sem as boas obras **a fé é morta**. Se a fé é morta, ela nada produz. Paulo enfatiza que a fé é um meio, as obras um fim para que andemos nelas, gerando o resultado da graça que é concedida por Deus, através da prática do **“amor ao próximo”**.

Ademais, realistamos o seguinte questionamento aos que aceitam a graça pela fé apenas, com o fito de obtermos uma resposta: A fé extraída da citação de Paulo é uma fé **com obras** ou uma **fé sem obras**? Iremos demonstrar nas linhas abaixo o que entendemos sobre tal assunto, versando sobre o contexto de Ef 2:8-10 e Tg 2:14-26, a fim de juntá-los e chegarmos ao veredicto. O apóstolo Paulo diz que:

*pela graça sois salvos, por meio da fé, e isto não vem de vós, é dom de Deus; **não vem das obras**, para que ninguém se glorie. (Ef 2:8)*

Neste ponto, Paulo deixa claro que o homem é justificado pela fé. Por outro lado, afirma o apóstolo Tiago que:

***verificais que uma pessoa é justificada por obras** e não por fé somente. (Tg 2:24)*

Com efeito, segundo Tiago, uma pessoa **é justificada por obras** e não apenas pela fé. Chegamos à seguinte conclusão, segundo Paulo, o homem é justificado pela fé sem obras e segundo Tiago o homem é justificado pelas obras. Se ambos os textos forem referentes às mesmas boas obras, estamos diante de uma contradição, mas se Paulo se referia às obras da legalidade judaica e Tiago às boas obras, entendemos que ambos não falavam das mesmas obras e que os textos não se contradizem. Se os que aceitam a graça pela fé apenas sustentarem a sua tese de que eram as mesmas obras que os apóstolos se referiam, não somos nós que laboramos em erro e há um grande problema de contradição textual para que eles, os que aceitam a graça pela fé apenas resolvam.

Finalizando a minha abordagem sobre tal tema, a fé só existe se existirem obras. Sendo as boas obras um fim universal, logo chegaríamos à salvação, ou a graça concedida por Deus através da prática da moral contida no Evangelho, sabendo que estas mesmas obras viriam a ser ensinadas por Jesus, e os seus ensinamentos morais são universais.

9. O segundo capítulo da epístola de Tiago e a exortação das boas obras

Sobre esta passagem, os que aceitam a graça pela fé apenas questionam: “se ele (Abraão) entregasse o filho por entregar, sem ter tido a fé, como muitos fazem hoje, tentam ser bons apenas para se mostrarem, sem ter fé em Deus?”, Prosseguem os que aceitam a graça pela fé apenas no seguinte questionamento: “assim como muitos oferecem ‘oferendas’ a deus sem ter fé no verdadeiro Deus?” Esta segunda pergunta é tão sem nexos quanto à primeira. Voltando à primeira pergunta e procurando aprofundar, respondemos novamente: Em Primeiro lugar, o apóstolo Tiago evidencia uma analogia a Abraão, realizando sacrifício de seu próprio filho Isaque, no altar a Deus, este acontecimento está em consonância com a passagem do amparo ao próximo, através das boas obras (Tg 2:14-26). Tiago vem a estabelecer dois princípios que tratam de "**amor a Deus sobre todas as coisas**", e a prova disso foi à oferta do próprio filho da parte de Abraão a Deus sobre o altar de sacrifícios, sendo o outro princípio o do "**amar ao próximo como a si mesmo**" abordado do verso 14 a 17, tendo em vista que o primeiro e maior mandamento deve vir primeiro, o que não discordamos. Todos estes dois princípios se baseiam no ensino do Mestre Jesus e que iremos demonstrar mais adiante.

Entendemos que se "toda a lei e os profetas dependem destes dois mandamentos", podemos dizer que as "boas obras" envolvem o dever do homem primeiro para com Deus e segundo para com o próximo. Vejamos a passagem abaixo para corroborar o que temos afirmado.

*"Se alguém diz: Eu amo a Deus, e odeia a seu irmão, é mentiroso. Pois **quem não ama a seu irmão, ao qual viu, não pode amar a Deus, a quem não viu. E dele temos este mandamento, que quem ama a Deus ame também a seu irmão.**" (1 Jo 4:20,21).*

Caridade é amor e o amor é caridade. A verdadeira caridade ou verdadeiro amor **se manifesta em boas obras**, nas três direções: **Deus, nós mesmos e o próximo**. Para amarmos ao próximo como a si mesmo, devemos nos amar primeiro. Quem ama a Deus deve se amar e amar ao próximo. Não existe caridade sem estes requisitos acima.

A questão esclarecida acima e em conformidade com o que o apóstolo Tiago nos elucida no segundo capítulo de sua epístola, são dois princípios de "**amor a Deus sobre todas as coisas**" e "**amar ao próximo como a si mesmo**", sendo estes dois pilares toda a essência da Torah e dos ensinamentos de Jesus. É isto que está claramente na Bíblia e na passagem em análise, onde não procuramos inverter tal ordem, antes ao contrário aproximamos essa ideia ainda mais ao âmago da questão.

Ainda em análise, segundo os que aceitam a graça pela fé apenas: “foi à fé que moveu a obra, e não o contrário. **A obra aperfeiçoou a fé** (Tg 2:22), ou seja, já havia a fé em Deus, se não houvesse fé a obra iria aperfeiçoar o que?” Se acreditarmos que a fé por si só move as boas obras, como poderia algo que é inoperante, operar algo (Tg 2:20)? O que fica claro no texto é que a obra quem moveu e aperfeiçoou a fé, e

não o inverso (Tg 2:22). Havia a fé em Deus, assim como até os “demônios” também acreditam, todavia, não havia o **"amor a Deus sobre todas as coisas"** e este se consumou através da obra de Abraão em oferecer o seu único filho (Tg 2:21).

Com efeito, elaboramos um terceiro questionamento: Diante do exposto, **concordam** que segundo Tiago a fé de Abraão, até aquele momento, era morta? Caros leitores, segundo alguns que aceitam a graça pela fé apenas: “o contexto que entram as exortações de Tiago para se identificar alguém que tem fé ou não, **afinal, crer em Deus até os demônios crêem** (Tg 2:19)”. Nesta passagem de Tiago, fica claro que se a fé sem obras realmente nos garantissem a salvação, até os demônios se salvariam, pois eles também acreditam em Deus. Contudo, concluem os que aceitam a graça pela fé apenas dizendo que “serão as nossas obras perante Deus, como afirmam que não são apenas as obras com intuito de ajuda ao próximo, a exemplo o caso de Abraão”. Como foi dito anteriormente, Tiago vem a estabelecer dois princípios que tratam de **"amor a Deus sobre todas as coisas"**, e a prova disso foi à oferta do próprio filho da parte de Abraão, sendo o outro princípio o do **"amar ao próximo como a si mesmo"** abordado do verso 14 a 17, tendo em vista do que temos que realizar uns para com os outros. Todos estes dois princípios se baseiam no ensino do Mestre Jesus e neste contexto elucidado de Tiago.

10. A parábola das Ovelhas e Cabritos. O que decide a salvação?

Nesta parábola há um grande dilema para os que aceitam a graça pela fé apenas, tendo em vista que o caráter de recompensa é através das obras, pois ‘a cada um segundo as suas obras’. Ao invés disso, muitos que aceitam a graça pela fé apenas tangenciam para o dogma das penas eternas, uma saída pela porta dos fundos para que ninguém o pudesse ver. Mas isto não ilude leitores mais atentos. Assim, dizem os que aceitam a graça pela fé apenas que “devemos encarar as boas obras como mandamentos, pois assim o mesmo Jesus afirmou, e quem O ama cumpriria tais mandamentos (Jo 14:15)”. Se as boas obras referem-se como mandamentos e após o esclarecimento desta visão, dentro do segundo capítulo da Epístola de Tiago, temos que concordar que tanto Jesus, quanto Tiago enfatiza o **"amor a Deus sobre todas as coisas"** e o **"amar ao próximo como a si mesmo"**, estes dois grandes mandamentos só poderão se cumprir através das boas obras.

Iremos, agora, analisar o texto em questão e verificar qual é o caráter de recompensa que nós estamos sujeitos:

*“Quando, pois vier o Filho do homem na sua glória, e todos os anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória; e diante dele serão reunidas todas as nações; e ele separará uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos; e porá as ovelhas à sua direita, mas os cabritos à esquerda. Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai. Possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo; **porque tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era forasteiro, e me acolhestes; estava nu, e me vestistes; adoeci, e me visitastes; estava na prisão e fostes ver-me.** Então os justos lhe perguntarão: Senhor, quando te vimos com fome, e te demos de comer? ou com sede, e te demos de beber? Quando te vimos forasteiro, e te acolhemos? ou nu, e te vestimos? Quando te vimos enfermo, ou na prisão, e fomos visitar-te? E responder-lhes-á o Rei: **Em verdade vos digo que, sempre que o fizestes a um destes meus irmãos, mesmo dos mais pequeninos, a mim o fizestes.** Então dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o Diabo e seus anjos;*

porque tive fome, e não me destes de comer; tive sede, e não me destes de beber; era forasteiro, e não me acolhestes; estava nu, e não me vestistes; enfermo, e na prisão, e não me visitastes. E eles lhe perguntarão: Senhor, quando foi que te vimos com fome, com sede, forasteiro, nu, enfermo ou preso e não te assistimos? Então, lhes responderá: **Em verdade vos digo que, sempre que o deixastes de fazer a um destes mais pequeninos, a mim o deixastes de fazer. E irão estes para o castigo eterno, porém os justos, para a vida eterna.** (Mt 25:31-46).

Após esta passagem em que Jesus nos esclarece, os que aceitam a graça pela fé apenas comentam que “quem não cumprir, diferentemente do que prega o espiritismo, não terão ‘outras encarnações’, antes, porém, será dito a estes: Então dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, **para o fogo eterno**, preparado para o Diabo e seus anjos”. Como se não bastasse à recusa em nos demonstrar o caráter de retribuição nesta parábola dos bodes e das ovelhas, que será retribuído a cada um segundo ‘as suas obras’, desviam muitos que aceitam a graça pela fé apenas no mérito de combater a reencarnação através das penas eternas, sendo que não é o foco deste tema, vindo a sair pela tangente novamente, mas sabemos que:

*O Senhor é misericordioso e compassivo; longânimo e assaz benigno. **Não repreende perpetuamente, nem conserva para sempre a sua ira.** Não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos retribui consoante as nossas iniquidades (Sl 103:8-10).*

Antes, porém, estaremos desenvolvendo tal tema no tópico apropriado sobre “**Reencarnação ou Penas Eternas?**”. Entretanto, sabemos que a pena do culpado tem a durabilidade da quitação de seu débito e estando quite esta dívida, este pode vir a retomar o seu caminho, onde entendemos que Deus perdoa o culpado, mas não o inocenta, enquanto que as penas eternas colocam Deus com a incapacidade de perdoar o infrator arrependido e dar-lhe a quitação com o seu débito, colocando em cheque a exortação de Jesus de que devemos perdoar 70x7, ou seja, infinitamente. É um desrespeito flagrante **em colocar Deus abaixo do homem**.

Diante do esboço traçado, os que aceitam a graça pela fé apenas nos fazem o pertinente questionamento, trazendo a sua posterior e própria resposta: “Se quiserem pregar salvação pelas obras, como seria a condenação? Para sermos coerentes, devemos responder que seriam pelas obras também”. Depende da abordagem, pois a salvação é pelas obras de amor ao próximo e a condenação é por não praticar tais obras de caridade, conforme exorta o Mestre: “**Em verdade vos digo que, sempre que o deixastes de fazer a um destes mais pequeninos, a mim o deixastes de fazer.**” Ou seja, estando à salvação ligada às boas obras, a condenação está ligada à ausência delas.

Podemos ver o caráter de julgamento de tal parábola estar de acordo com “**a cada um segundo as suas obras**” e vemos ainda as obras evidenciadas: **porque tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era forasteiro, e me acolhestes; estava nu, e me vestistes; adoeci, e me visitastes; estava na prisão e fostes ver-me.** Essa passagem simboliza o dia do juízo, dia que devemos prestar contas a Deus de tudo o que fizemos. Quem foi para a direita de Deus (bom lugar) foram os de fé ou os que fizeram obras? As obras exemplificadas são: dar de comer aos famintos, vestir os nus, dar água a quem tem sede, hospedar os viajantes, visitar os doentes e os prisioneiros, tudo isso são atos de amor ao próximo.

No simbolismo, a separação dos bons dos maus é pela fé de cada um? Pela religião? Ou pelas obras praticadas em favor ao próximo? Repetimos: “**FORA DA**

CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO” e o caráter de julgamento continua sendo o mesmo: “**a cada um segundo as suas obras**”. Não é raro, mas nenhum comentário se vê da parte dos que aceitam a graça pela fé apenas sobre o caráter de julgamento nesta parábola ser **invariavelmente** através das obras.

Conforme o questionamento: Como acabar com 30.000.000 de pessoas que vivem abaixo dos índices de miséria em nosso País? Através da fé ou das obras? Responde alguns que aceitam a graça pela fé apenas: que “**com certeza através das obras**, principalmente as que forem movidas pela fé, pois **perante Deus** é a que importará para a Salvação, pois apenas a obra de caridade, sem o agape, o amor de Deus, para nada se aproveita ‘ainda que distribuísse todos os meus bens para sustento dos pobres’ e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria”. Sabemos que é o amor de Deus que deve nos mover a isso. Como já foi esclarecido anteriormente, o que é inoperante não pode vir a operar nada, não tem vida, já que **a fé sem obras é inoperante**, e, por conseguinte morta! O que importará para a salvação é que está explícito nesta parábola: “**porque tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era forasteiro, e me acolhestes; estava nu, e me vestistes; adoeci, e me visitastes; estava na prisão e fostes ver-me. Então os justos lhe perguntarão: Senhor, quando te vimos com fome, e te demos de comer? ou com sede, e te demos de beber? Quando te vimos forasteiro, e te acolhemos? ou nu, e te vestimos? Quando te vimos enfermo, ou na prisão, e fomos visitar-te? E responder-lhes-á o Rei: Em verdade vos digo que, sempre que o fizestes a um destes meus irmãos, mesmo dos mais pequeninos, a mim o fizestes**”. Amor é caridade e caridade é amor. Sem amor não há caridade e sem caridade não há amor.

Vale ainda ressaltar que os justos não sabiam que faziam o bem e esta máxima é:

(...) Quando, pois, deres esmola, não faças tocar trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens. Em verdade vos digo que já receberam a sua recompensa. Mas, quando tu deres esmola, não saiba a tua mão esquerda o que faz a direita; (Mt 6:2-3)

Outra coisa não é o que o Espiritismo diz e recomenda exaustivamente, fazer as obras sem esperar retorno, fazê-las por amor somente, o que é justamente o que Paulo enfatiza (I Co 13).

11. I Coríntios 13, o conhecimento pleno e a prática do Amor

Neste tópico, existe a tão alegada tentativa de se desassociar a caridade do amor e vice-versa, como se a caridade pregada no Espiritismo fosse esse espantalho, engendrado pelos contraditores. Devido a isso, iremos ao cerne da questão, a fim de dirimir as dúvidas decorrentes. Todavia, sabemos através de **Lc 17:21**, que sobre “o Reino de Deus está em cada um de nós”, cuja explanação realizada e amplamente comentada está no tópico “**Seremos salvos ou temos que nos salvar?**”. Adentrando neste quesito, sabemos que, segundo versão da **Bíblia Anotada**:

Agape é mais que afeição mútua; expressa a valorização altruísta no objeto amado. (Bíblia Anotada)

O Amor é mais do que a afeição mútua em amar aqueles que nos amam, ou seja, das pessoas, umas para com as outras, já que o Amor expressa a valorização

altruísta no objeto amado indistintamente. Em outras palavras, altruísta é o próprio altruísmo a quem amamos e vamos ao significado desta palavra para entender melhor:

Altruísta

s. 2 gén.,
pessoa que pratica o **altruísmo**;
pessoa cheia de **filantropia**;
adj. 2 gén.,
relativo ao altruísmo;
filantropo.

Altruísmo

do Fr. Altruisme
s. m.,
disposição para se interessar e dedicar ao próximo;
amor ao próximo;
abnegação;
filantropia.

Como foi dito na nota de rodapé da Bíblia Anotada que o Amor **expressa a valorização altruísta no objeto amado**. Recorremos ao significado da palavra altruísta e altruísmo, onde este nos deu a certeza de que não basta ter uma afeição mútua, é preciso ser filantropos, ou seja, não esperar retorno do que realizamos em favor daqueles que amamos (Mt 6:2-3) e dos que nos perseguem, é ainda preciso ter a **disposição para se interessar e dedicar ao próximo**, e esta postura só será possível através da **abnegação** em favor daqueles que amamos e mais, daqueles que estão fora do nosso círculo de afeição e até por aqueles que nos odeiam.

Após a versão da nota de rodapé da **Bíblia de Jerusalém**, ela vem a nos esclarecer ainda mais o que estamos descortinando:

À diferença do amor passional e egoísta é a caridade (agape) é um amor de dileção, que quer o bem do próximo (Bíblia de Jerusalém).

Vemos que somente a prática da **caridade (agape)** que se pode opor ao **amor passional e egoísta** e foi isto que demonstramos. Este é o que Paulo realmente enfatiza, sobre este amor que não espera retorno, se interessa e dedica-se ao próximo através da abnegação, realizando tudo o que gostaria que vos fizesse e isso será possível somente através das boas obras, ou obras de Amor (caridade) pela qual realmente iremos chegar à plenitude do **amor ao próximo**, assim como o Mestre nos amou e vivenciou esta realidade em seus atos.

Após estes esclarecimentos acima, vemos o seguinte questionamento dos que aceitam a graça pela fé apenas: “não há nenhuma inferência de que seja o Amor de Deus para com conosco e sim o nosso sentimento para como o próximo?” Diante do contexto de I Co 13 não há realmente a inferência de que seja o amor de Deus para conosco, e sim do nosso amor como um dom supremo e que leva a perfeição. Voltando ao texto de Paulo, os que aceitam a graça pela fé apenas dizem que “este texto de 1 Co 13 fala somente do agape como o amor de Deus, texto e contexto analisados”. Após esta afirmação de que o texto e contexto afirmam o amor (agape) de Deus. Se nesta trata do amor de Deus, como poderíamos exercer este amor então? Através das obras? Ou da fé? A lógica do texto nos mostra que iremos exercer este sentimento somente através das obras de amor (ágape / caridade).

Conforme explanado anteriormente que o sentido do amor nesta passagem é amplo, geral e irrestrito, numa alusão ao Amor de Deus, segundo este amor, o que apontamos é que neste contexto este amor se reflete sobre **a caridade (agape) é um amor de dileção, que quer o bem do próximo (Bíblia de Jerusalém)**. Segundo os que aceitam a graça pela fé apenas, nos questionam: “como explicar o versículo 3 do referido capítulo? ***E ainda que distribuísse todos os meus bens para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria***”. Ocorre que o amor (ágape / caridade) não é somente doar todos seus bens materiais aos mais necessitados, é preciso ter a **disposição para se interessar e dedicar ao próximo**, e esta postura só será possível através da **abnegação** em favor deles. É isto o que Paulo quis dizer e que viria a ser o pleno conhecimento e a perfeição, para o que era ainda imperfeito. O verso 5 explica isso: “...não busca os seus interesses...”. Espero que também não esqueça o verso 2.

Agora, dentro deste mesmo contexto e defesa da alegação dos que aceitam a graça pela fé apenas, não haveria lógica em “distribuir todos os meus bens para sustento dos pobres (= caridade) e... não ter caridade?” O que mencionamos é que a caridade não é somente isso e foi o que demonstramos acima. No entanto, o *agape* de Deus por nós em nos entregar Jesus (Jo 3:16) para que por meio Dele fôssemos salvos, devido a direção das atitudes que devemos ter, a fim de alcançar o grau de pureza dos espíritos de escol, disso não duvidamos, mas como seria o nosso amor ao próximo? Somente se nos entregarmos por ele através do *agape* com a abnegação e a dedicação a cada um de nosso semelhante indistintamente. Por este motivo que acreditamos que somente através das obras de amor (*agape*) é que poderemos chegar ao conhecimento pleno e por isso que elas estão acima da fé, bem como:

Agora, pois, permanecem a fé, a esperança, o amor, estes três; mas o maior destes é o amor (ágape / caridade). (I Co 13:13)

Ter apenas fé em Jesus, sem por os seus ensinamentos em prática, é **fé morta** e sem capacidade de nos dar a condição de chegar à perfeição. Assim sendo, somente através das obras de amor que estaremos em condições de atingir o conhecimento pleno.

12. A fé está acima das obras?

Esclarecemos acima o princípio básico de “**amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo**”. Destarte, entendemos que este princípio esteve ligado à mensagem, tanto de Paulo quanto de Tiago e principalmente na mensagem do Mestre Jesus que instituiu este princípio no NT, demonstrando que toda a lei e os profetas dependem desta moral universal. Portanto, caro leitor, se para alguns que aceitam a graça pela fé apenas disserem que “sou salvo, e não me aplicar às boas obras, tanto as com amor ao próximo como a Deus (exemplo de Abraão), revelarão que a minha fé é apenas teórica” e, por conseguinte, uma **fé morta** e incapaz de gerar frutos, conforme apresentamos, inclusive no segundo capítulo da epístola de Tiago este princípio fundamental do grande mandamento, somos impelidos a compreender que só poderemos “**amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos**” através daquilo que se chama AÇÃO.

Com o fito de nos questionar novamente, alguns que aceitam a graça pela fé apenas, tentando inculcar a ideia de a fé esta acima das obras, nos apresentam mais uma pergunta para meditar, conforme havíamos dito que **verdadeiramente a fé sem**

obras é morta, nos questionam: “se, conforme dizem, o que seriam as obras sem fé?” Assim sendo, nos convidam os que aceitam a graça pela fé apenas a meditarmos em Hb 11:6 antes de respondermos. O mais curioso, na pergunta, é querer enfatizar que possa haver **efeito sem causa** e pior, se há obras, invariavelmente existe a fé interior em algo superior e que se traduz nas obras de amor ao próximo.

O texto aludido pelos que aceitam a graça pela fé apenas no contexto do capítulo 11 da epístola aos Hebreus, esta passagem até o desfecho da epístola nos traz a fé em Deus como perseveraram os patriarcas e os profetas; tendo em vista na consumação da obra pela vinda do Messias, sendo este, Jesus que aperfeiçoou a Lei e suportou aos que O negaram e lhe tiraram a própria vida, mesmo assim perseverou o Mestre em permanecer no Amor por aqueles que o odiavam, sem esperar o retorno. É isto que depreendemos do texto resumidamente, Hb 13:1-6. Não há nada no texto que dê a inferência de que **a fé está acima das obras**. Não há como fugir a questão de que **a fé sem obras está morta**, pois, se a fé está acima das obras, segundo os que aceitam a graça pela fé apenas e defensores da fé somente, por si só ela subsistia e é isso não é verdade, portanto, nem uma e nem outra está acima, ambas estão no mesmo patamar, mas que sem obras, a fé é morta e não há boas obras sem a fé em algo transcendental – Deus.

Os que aceitam a graça pela fé apenas, na tentativa de enfatizarem a ideia de que Cornélio, pelo relato em Atos nos aponta para a fé como algo que era suficiente para que ele tivesse a sua salvação, esquecem-se de que as orações e esmolas de Cornélio subiram a Deus. Tendo em vista esta atitude de Cornélio, poderiam apenas as suas orações subir a Deus? É claro que não, pois era necessária esta sua fé em algo transcendental e à abnegação da prática das boas obras, simbolizadas pelas esmolas, bem como podemos constatar:

eis que se apresentou diante de mim um varão de vestes resplandecentes e disse: Cornélio, a tua oração foi ouvida, e as tuas esmolas, lembradas na presença de Deus. (At 10:30-31).

Nesta passagem, ocorre que o Cornélio tinha sido ouvido apenas pelo ouvir segundo o que defendem os que aceitam a graça pela fé apenas, sem entrever o merecimento de Cornélio pelas orações (fé) e esmolas (obras). Deixamos a simples pergunta: Se Cornélio fosse apenas um homem que fizesse orações a Deus, ele teria a oportunidade de que estas subissem até Ele e de que um Anjo lhe visitasse? Creio que não, este caso também confirma que **a fé sem obras é morta**.

O que enfatizamos, na resposta anterior, é que se Cornélio não aperfeiçoasse a fé (orações) e obras (esmolas), tão pouco seria recompensado. Em vista disso, não entendemos onde ele encontrou que a fé está acima das obras, pois, se assim o fosse, **a fé sem obras não estaria morta** e seria como inverter a ordem proposta na própria Escritura (Tg 2:26). Ademais, se para o apóstolo Pedro:

Acima de tudo, porém, tende amor intenso uns para com os outros, porque o amor cobre multidão de pecados. (I Pe 4:8)

Não será nenhum que aceitam a graça pela fé apenas que nos induzirá a crer de outro modo. Se a prática das boas obras de amor para com o próximo está **Acima de tudo, estaria a fé acima das obras? Cremos que não!**

13. Seremos julgados pela fé, ou pelas obras?

Após as exposições que nos dispusemos a realizar até o momento, entendemos que é por meio das obras que confirmamos a fé. Deprendemos com o apóstolo Tiago pode nos elucidar:

*Mas alguém dirá: Tu tens fé, e eu tenho obras; mostra-me essa tua fé sem as obras, e eu, **com as obras, te mostrarei a minha fé.** (Tg 2:18).*

Tendo em vista a nossa ideia de seguir ao que nos propusemos, de acordo com as considerações iniciais, cremos que **a fé sem obras está morta** e não temos fé e, por isto, devemos fazer as obras, pois, **temos obras e por isso confirmamos a nossa fé.** Querer induzir aos leitores de que as boas obras de “amor ao próximo” são diferentes de boas obras de “amor ao próximo”, é o mesmo que forçar a barra em dizer que quem realizou todas as recomendações de Jesus será condenado (Mt 25:31-46), já que para o mesmo sofisma, temos que: “há muitos que fazem obras sem ter fé, e para estes a perdição eterna está reservada”, segundo alguns que aceitam a graça pela fé apenas afirmam. Seria como inverter o tema proposto em dizer que as obras dependem da fé e que **“as obras sem a fé são mortas”**, mas é a fé quem depende das boas obras para ser consumada, pois:

*Vês como a fé operava juntamente com as suas obras; com efeito, **foi pelas obras que a fé se consumou,** (Tg 2:22).*

Tanto que **se não há boas obras, não haverá fé e se há boas obras, invariavelmente haverá a fé genuína e verdadeira.** Alguns que aceitam a graça pela fé apenas na intenção em frisar que existem boas obras que levam a condenação, tenta distorcer mais uma vez os nossos argumentos e pior, inferir a um texto do evangelho de Mateus que os que tiveram boas obras serão condenados, vindo a citar:

*Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? e em teu nome não expulsamos demônios? e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então lhes direi claramente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade. **Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as põe em prática, será comparado a um homem prudente que edificou a casa sobre a rocha.** (Mt 7:22-24).*

Não poderíamos deixar de alertar aqueles que acreditam que as obras não nos levam a salvação, pois o mesmo Cristo atesta ser necessário colocar seus ensinamentos em prática. O que Jesus estava se referindo neste momento é para aqueles que profetizaram, expulsaram demônios e fizeram milagres **em Seu nome** através da fé, ou seja, ensinaram em Seu nome e em nada praticaram os Seus ensinamentos. Em outras palavras, tinham a fé, acreditavam em tudo o que pregavam e **em nome de Jesus**, mas não praticavam nada do que Ele havia ensinado, não edificavam "a casa sobre a rocha" e, portanto, concluímos que não se trata de **condenação** pelas boas obras, mas **por falta da prática delas e dos ensinamentos do Mestre Jesus.**

Mais adiante, os que aceitam a graça pela fé apenas nos apresentam a parte posterior da passagem: **Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as põe em prática, será comparado a um homem prudente que edificou a casa sobre a rocha.** Após citá-la, concluem “que Cristo não está falando aqui apenas das boas obras, mas principalmente, o que motivou tais pessoas aos atos que praticaram. A fé para fazer obras de glorificação a Deus ou as obras para se mostrarem aos homens?” A nossa resposta é a mesma que **Jesus** enfatiza em dizer que tudo o que fizeram, foi **em teu nome.** Em nome de quem? De Jesus, e os que aceitam a graça pela fé apenas nos questionam se era para se mostrarem aos homens, sendo que

realizavam tudo em nome de Jesus, mas **não praticavam nada do que Ele ensinou**. É isto que está no texto.

Uma abordagem do ESE, capítulo XVIII – itens 8 e 9, sendo que esta citação vem a esclarecer o que temos dito:

8. Aquele que violar um destes menores mandamentos e que ensinar os homens a violá-los, será considerado como último no reino dos céus; mas, será grande no reino dos céus aquele que os cumprir e ensinar. - (S. MATEUS, cap. V, v. 19.)

9. Todos os que reconhecem a missão de Jesus dizem: Senhor! Senhor! - Mas, de que serve lhe chamarem Mestre ou Senhor, se não lhe seguem os preceitos? Serão cristãos os que o honram com exteriores atos de devoção e, ao mesmo tempo, sacrificam ao orgulho, ao egoísmo, à cupidez e a todas as suas paixões? Serão seus discípulos os que passam os dias em oração e não se mostram nem melhores, nem mais caridosos, nem mais indulgentes para com seus semelhantes? Não, porquanto, do mesmo modo que os fariseus, eles têm a prece nos lábios e não no coração. Pela forma poderão impor-se aos homens; não, porém, a Deus. Em vão dirão eles a Jesus: "Senhor! não profetizamos, isto é, não ensinamos em teu nome; não expulsamos em teu nome os demônios; não comemos e bebemos contigo?" Ele lhes responderá: "Não sei quem sois; afastai-vos de mim, vós que cometeis iniquidades, vós que desmentis com os atos o que dizeis com os lábios, que caluniais o vosso próximo, que espoliais as viúvas e cometeis adultério. Afastai-vos de mim, vós cujo coração destila ódio e fel, que derramais o sangue dos vossos irmãos em meu nome, que fazeis corram lágrimas, em vez de secá-las. Para vós, haverá prantos e ranger de dentes, porquanto o reino de Deus é para os que são brandos, humildes e caridosos. Não espereis dobrar a justiça do Senhor pela multiplicidade das vossas palavras e das vossas genuflexões. O caminho único que vos está aberto, para achardes graça perante ele, é o da prática sincera da lei de amor e de caridade."

São eternas as palavras de Jesus, porque são a verdade. Constituem não só a salvaguarda da vida celeste, mas também o penhor da paz, da tranqüilidade e da estabilidade nas coisas da vida terrestre. Eis por que todas as instituições humanas, políticas, sociais e religiosas, que se apoiarem nessas palavras, serão estáveis como a casa construída sobre a rocha. Os homens as conservarão, porque se sentirão felizes nelas. As que, porém, forem uma violação daquelas palavras, serão como a casa edificada na areia. o vento das renovações e o rio do progresso as arrastarão. (KARDEC, A., O Evangelho Segundo o Espiritismo, capítulo XVIII, grifo nosso).

Vemos que a ideia de que "**a fé sem obras está morta**" está suficientemente embasada, o que nos conduz ao fato de que o caráter de julgamento permanece como sendo o mesmo de "**a cada um segundo as suas obras**" e de que não foi provado que "a cada um será dado segundo a fé", sendo esta ideia como ensinamento de Jesus.

O que tentamos realizar foi toda a explanação sobre todos os ensinamentos do Mestre Jesus e a sua importância fundamental em colocar estes mesmos ensinamentos em prática. Sabermos que Jesus afirma que podemos fazer essas mesmas obras e até maiores. Com isso, nos dá a certeza de que as obras que fazemos serão também para cumprir a vontade de Deus. Mas quais são as obras de Jesus? No tempo que passou junto de nós, curou os enfermos, deu vista a cegos, curou os paralíticos, libertou pessoas de espíritos maus, enfim somente obras de

amor, o amor operante de que já falamos por várias vezes. Em consonância com esta nossa abordagem, citamos:

*Não crês tu que eu estou no Pai, e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo não as digo de mim mesmo, mas o Pai, que está em mim, é quem faz as obras. Crede-me que estou no Pai, e o Pai em mim; **crede-me, ao menos, por causa das mesmas obras.** Na verdade, na verdade vos digo que **aquele que crê em mim também fará as obras que eu faço, e as fará maiores do que estas, porque eu vou para meu Pai.** (Jo 14:10-12).*

Finalizando esta análise, para os que aceitam a graça pela fé apenas: “já é salvo: **Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda**, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado de meu Pai, e eu o amarei, e me manifestarei a ele’. E assim eles comentam que crer em Cristo em primeiro lugar, pois quem crê o ama, não há como crer em alguém sem amá-lo ou amá-lo sem crer e, como consequência, cumpre seus mandamentos, exteriorizando pelas obras que fazemos a Deus e ao próximo.” Todavia, é preciso ter e guardar os Seus mandamentos, já que é preciso colocá-los em prática, pois, sem a prática, não haverá como ser recompensado e muito menos como receber o galardão (Mt 25:31-46). Destarte, há evidências demais para **fundamentarmos** que “**a fé sem obras está morta**” e citaremos inúmeros outros exemplos que corroboram esta tese de que “**A cada um segundo as suas obras**”, conforme abaixo:

***Pois retribui ao homem segundo as suas obras** e faz que a cada um toque segundo o seu caminho. (Jó 34:11)*

***Paga-lhes segundo as suas obras**, segundo a malícia dos seus atos; dá-lhes conforme a obra de suas mãos, retribui-lhes o que merecem. (Sl 28:4)*

*e a ti, Senhor, pertence a graça, pois **a cada um retribuis segundo as suas obras.** (Sl 62:12)*

*Se disseres: Não o soubemos, não o perceberá aquele que pesa os corações? Não o saberá aquele que atenta para a tua alma? **E não pagará ele ao homem segundo as suas obras?** (Pv 24:12)*

*O Senhor também com Judá tem contenda e castigará Jacó segundo o seu proceder; **segundo as suas obras, o recompensará.** (Os 12:2)*

*Alexandre, o latoeiro, causou-me muitos males; **o Senhor lhe dará a paga segundo as suas obras.** (II Tm 4:14)*

*Dai-lhe em retribuição como também ela retribuiu, **pagai-lhe em dobro segundo as suas obras** e, no cálice em que ela misturou bebidas, misturai dobrado para ela. (Ap 18:6)*

*Vi também os mortos, os grandes e os pequenos, postos em pé diante do trono. Então, se abriram livros. Ainda outro livro, o Livro da Vida, foi aberto. **E os mortos foram julgados, segundo as suas obras, conforme o que se achava escrito nos livros.** (Ap 20:12)*

*Deu o mar os mortos que nele estavam. A morte e o além entregaram os mortos que neles havia. **E foram julgados, um por um, segundo as suas obras.** (Ap 20:13)*

*E eis que venho sem demora, e **comigo está o galardão que tenho para retribuir a cada um segundo as suas obras.** (Ap 22:12)*

14. O pensamento de Paulo e o combate ao farisaísmo

Neste tópico, entraremos neste quesito do combate de Paulo ao farisaísmo e aos fariseus, sacerdotes, saduceus, dentre outros judeus que davam muito mais importância à prática da forma da legalidade judaica do que o fundo da prática do “amor ao próximo”, ou seja, praticavam todas as liturgias religiosas de seu tempo, mas não colocavam os ensinamentos primordiais em prática.

Partindo desta premissa, será necessário adentrar em alguns comentários dos que aceitam a graça pela fé apenas e intercalar os comentários acerca desta nossa tese do combate de Paulo a este comportamento farisaico e hipócrita de sua época, sendo ele até mesmo um fariseu que combateu os cristãos primitivos, perseguindo-os e até mesmo tirando-lhes a vida, a exemplo de Estevão que morreu aos seus pés. Paulo recebeu primorosos ensinamentos de Gamaliel, assim como há registros nos livros dos Atos dos Apóstolos.

Ademais, quando defendemos a tese da “fé cega”, não é como uma ofensa, ou como se a fé fosse algo que precisasse ser provada, ou ainda como se não acreditássemos na mensagem de Jesus e muito menos nos ensinamentos de seus Apóstolos, mas para verificarmos o público alvo de cada ensinamento pregado, por cada um destes porta-vozes de Jesus, com o exame circunstanciado de cada citação e o veredicto de que, a partir desta análise, chegaríamos à **“fé inabalável que é capaz de encarar face a face, a razão por todas as eras da Humanidade”**, parafraseando Kardec, nos apresentando uma certeza de que só a partir da pesquisa atenta e abrangente, nos aproximamos da realidade dos fatos e, por conseguinte da verdade. Neste intento, chegaríamos a ver com os olhos de ver e testificar o que corroboramos de que **“a fé sem obras está morta”** e do caráter de julgamento ser **“a cada um segundo as suas obras”**.

Os que aceitam a graça pela fé apenas citam I Ts 1:2-3, sendo o primeiro verso que cita o próprio apóstolo Paulo, Silvano, Timóteo e à Igreja de Tessalônica como todos estes salvos. Ou seja, na visão dos que aceitam a graça pela fé apenas, “o apóstolo se alegra pela ‘obra da fé’, ‘trabalho do amor’ dos salvos que ali congregavam que mostravam a consequência de sua fé”. Todavia, o apóstolo Paulo lembrava-se em suas orações sem cessar **da obra da vossa fé, do trabalho do amor**, dos que congregavam em Tessalônica e a fé dava frutos nesta congregação, através da abnegação das obras de amor ao próximo que eles realizavam. Tão logo, vemos o princípio de que **a fé sem obras é morta**, pois se mostrava a fé, através das boas obras, pois **eram lembrados pelas obras de amor ao próximo e não pela fé somente**.

Partindo desta premissa, os que aceitam a graça pela fé apenas alegam que Paulo se dirigiu aos que eram cristãos. Todavia, nem todos os cristãos que dizem Senhor, Senhor, entrarão no reino. Ou seja, ter apenas a fé sem a prática não garante a salvação e conscientização, pois é preciso que aquele **que ouve estas minhas palavras e as põe em prática, será comparado a um homem prudente que edificou a casa sobre a rocha**. (Mt 7:22-24). Destarte, faz-se necessário crer e praticar as boas obras.

Sobre o texto de **II Co 5:10**, esta passagem é aventada pelos que aceitam a graça pela fé apenas que todos os cristãos estão **reconciliados** por Cristo e por este motivo vão comparecer ao tribunal de Cristo não para a receberem pelas obras do bem que tiverem feito, mas para o que então? Não vemos esta resposta. Segundo os que aceitam a graça pela fé apenas, quando Paulo diz que cada um receberá

“segundo suas obras”, esta vem a ser apenas uma exortação. Ora, se é uma exortação, é para que sejam seguidas e praticadas as boas obras, já que segundo Paulo, o objeto do juízo é para que **cada um receba segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem, ou mal**. Se cada um receberá a recompensa por algo que realizar de bem ou mal, certo é que todos os que praticarem o mal não terão uma boa recompensa. Ademais, se os que aceitam a graça pela fé apenas consideram que das obras que fizemos como já salvos é que nos será recompensado pelo que tiver **praticado de mal**, certamente não é porque já está salvo, mas pelo simples fato de haver transgredido algum mandamento divino que iremos ter que resgatá-lo. Assim sendo, a tão alegada fé, se não tiver boas obras, certamente está morta e nada produz. A inércia desta mesma fé pode levar a **prática do mal**.

No texto de **Gl 2:16**, alegam os que aceitam a graça pela fé apenas que nossos comentários tem a finalidade de justificar as obras da lei mencionadas por Paulo e que estas são obras da lei de Moisés e de Deus respectivamente. Mais adiante, no tópico posterior, iremos analisar os comentários desses que aceitam a graça pela fé apenas acerca do entendimento dele sobre os textos do Paulo Neto e o L. Palhano Jr. Todavia, ainda alega o opositor que “seria interessante observar que Paulo não fala apenas das obras ‘da lei’ como ineficazes para a Salvação, mas de obras como um todo” e com isso vem a citar as passagens de II Tm 1:9 e Tt 3:4-7. Com efeito, Paulo traz inúmeras advertências a estes discípulos, exortando-os:

Porque o amor do dinheiro é raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé e a si mesmos se atormentaram com muitas dores. (I Tm 6:10).

Assim sendo, se o egoísmo, o orgulho e a cobiça é a raiz de todo o mal, a prática das boas obras é o que nos leva ao oposto e que está proposto nos ensinamentos de Jesus e do mesmo foi apresentado por Paulo, já que o mandamento é:

*praticuem o bem, **sejam ricos de boas obras**, generosos em dar e prontos a repartir; que acumulem para si mesmos tesouros, sólido fundamento para o futuro, **a fim de se apoderarem da verdadeira vida.** (I Tm 6:18-19).*

A verdadeira vida é esta, crer em Jesus e principalmente praticar os seus ensinamentos, já que “**a cada um será dado segundo as suas obras**”. Defendem os que aceitam a graça pela fé apenas que: “sendo justificados pela sua graça”, sendo esta graça a oportunidade de viver os ensinamentos morais de Jesus, irretocáveis e persuadidos a pratica das boas obras de “amar ao próximo como a nós mesmos”, ao qual fomos preparados para andar nelas, evidenciadas no Evangelho, entendemos que:

*Fiel é esta palavra, e quero que, no tocante a estas coisas, faça afirmação, confiadamente, **para que os que têm crido em Deus sejam solícitos na prática de boas obras. Estas coisas são excelentes e proveitosas aos homens.** (Tt 3:8).*

Ademais:

*Agora, quanto aos nossos, que **aprendam também a distinguir-se nas boas obras a favor dos necessitados**, para não se tornarem infrutíferos (Tt 3:8).*

Como comentamos anteriormente, a graça do Mestre consiste em nos dar a oportunidade de ouvir e crer em Seus ensinamentos e principalmente colocá-los em

prática, já que **a fé sem obras está morta**, a fim de não se tornarem infrutíferos, segundo os apóstolos Paulo, Tiago e o Mestre Jesus.

15. As Obras da Lei e as Boas Obras segundo Paulo

Partiremos da premissa sobre a visão de Jesus acerca das obras da lei, sendo elas **'rituais', 'festas', 'cerimoniais', 'dogmas', ou quaisquer exigências tais como 'dízimos', guardar os 'sábados' e coisas deste tipo**. Acreditamos que sobre os fundamentos lançados pelo Mestre, objetivaremos chegar à distinção de Paulo sobre as obras da lei e boas obras.

Dos dois grandes mandamentos, segundo Jesus, dependem a Lei e os Profetas e estes nos dão a mérito e demérito sobre o nosso galardão, tão logo praticarmos estes dois maiores mandamentos, o que seria imprescindível, a fim de atingirmos a plenitude de nossa consciência e, por conseguinte, a nossa salvação. Segundo Jesus, estes dois grandes mandamentos estavam na Torah, mas não eram praticados, tanto que após a citação da passagem de Mt 22:36-40, Jesus faz uma série de advertências, as quais estão registradas em Mt 22:41-46; 23:1-39. Não citaremos todas as passagens por ser desnecessário, mas comentaremos pontos importantes, a fim de definirmos as advertências de Jesus sobre obras da legalidade judaica, sendo estas baseadas nas credenciais e rituais da fé e não na prática da essência da Torah.

1ª Advertência - *Então falou Jesus às multidões e aos seus discípulos, dizendo: Na cadeira de Moisés se assentam os escribas e fariseus. **Portanto, tudo o que vos disserem, isso fazei e observai; mas não façais conforme as suas obras; porque dizem e não praticam.*** (Mt 23:1-3). Ou seja, eram hipócritas em pregar, pois não praticavam nada do que diziam.

2ª Advertência - *Todas as suas obras eles fazem a fim de **serem vistos pelos homens; pois alargam os seus filactérios, e aumentam as franjas dos seus mantos;*** (Mt 23:5). Davam mais importância às exterioridades do que à prática da essência da Torá.

3ª Advertência - ***gostam do primeiro lugar nos banquetes, das primeiras cadeiras nas sinagogas, das saudações nas praças, e de serem chamados pelos homens: Rabi.*** (Mt 23:6-7). Davam muita importância ao fato de serem reconhecidos pelos homens com título de justos, mas negavam a humildade de servir, sem serem notados por homens.

4ª Advertência - *Mas ai de vós, escribas e fariseus, **hipócritas!** porque fechais aos homens o reino dos céus; pois nem vós entraís, nem aos que entrariam permitis entrar. **[Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! porque devorais as casas das viúvas e sob pretexto fazeis longas orações; por isso receberéis maior condenação].*** (Mt 23:13-14) Muitas palavras e poucas atitudes.

5ª Advertência - *Fariseu cego! **limpa primeiro o interior do copo, para que também o exterior se torne limpo.** Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! **porque sois semelhantes aos sepulcros caiados, que por fora realmente parecem formosos, mas por dentro estão cheios de ossos e de toda imundícia.*** (Mt 23:26-27). Adornavam a aparência de justos, mas não praticavam a essência da Torah, dando uma maior importância às exterioridades das liturgias religiosas e os prosélitos dos homens.

6ª Advertência - **Assim também vós exteriormente pareceis justos aos homens, mas por dentro estais cheios de hipocrisia e de iniquidade. (Mt 23:28)**. É o que temos afirmado os que se acham justos aos próprios olhos não têm este comportamento de sempre tecerem julgamentos sobre todas as pessoas e demais crenças, que parecem justos aos olhos dos homens, se consideram filhos de Deus e salvos, mas, em seu interior são como sepulcros caiados pela hipocrisia de pregarem aquilo que não praticam.

Esta é a definição de Paulo, sobre estas exterioridades da Lei Mosaica que ele combatia tão veementemente. Jesus também lutava contra este comportamento farisaico, contra a hipocrisia dos que observavam a Lei, mas não praticavam a essência da Torah, que era em **"Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo"**. Paulo não poderia descartar estes dois grandes mandamentos em detrimento da fé como meio exclusivo de se chegar ao Pai, numa passagem isolada de Efésios em detrimento de todo o restante das Escrituras que dizem repetidamente **"A cada um segundo as suas obras"**, e inclusive ratificado por Jesus.

Conforme foi esclarecido acima de como eram estas obras da lei que tanto foram combatidos por Jesus e, por conseguinte, através de Paulo, entendo que o Paulo Neto, quando cita o Palhano Jr, este se baseia em **fontes não espíritas** para corroborar o que temos dito e que eles desenvolveram. Antes de adentrar sobre tal assunto, acerca do tema debatido sobre a "lei de Moisés, lei de Deus, cumprimento da lei".

Ademais, seria interessante reprisar as fontes citadas pelo autor Palhano Jr em sua obra "Aos Gálatas – A Carta da Redenção", onde este diz:

*"Para compreendermos melhor o texto acima, é preciso meditar e entrar no verdadeiro significado das expressões: 'justificado', 'obras da lei', 'fé' e 'carne'. É o que pretendemos fazer a seguir. O verbo empregado na epístola para justificado é **dikaicó**, característico de Paulo e tão empregado por ele, que é preciso entendê-lo de modo correto. Na margem da **Revised Standard Version of Bible**, o termo é traduzido como "tido por justo", isto é, considerado justo ou aprovado aos olhos de Deus; e o ponto a ser decidido era a maneira pela qual o indivíduo alcançaria uma posição aceitável diante de Deus (Guthrie, D. **Gálatas, introdução e comentários**, São Paulo, Vida Nova, 1984, p. 107)".*

*"Vamos agora à expressão 'obras da lei'. Talvez devêssemos fazer aqui um parêntese para um estudo pormenorizado sobre essa expressão, mas não o faremos; acrescentá-lo-emos mais tarde ou em um apêndice. A expressão grega **ex ergon nomou** tem sido traduzida para o português como "pelas obras da lei", contudo pela proposta de Tenney (Tenney, M. C. **Galatian: the charter of christian liberty**. Michigan, Eerdmans Publishing, 1950, p. 194), uma **tradução mais exata** seria "**por obras legais**", isso porque a palavra 'lei' foi usada sem o artigo definido, principalmente em certas frases escolhidas que transmitem significações especializadas. A ausência do artigo usualmente significa que a qualidade do conceito escolhido é salientado em lugar da sua identidade, embora em Gálatas e em outras epístolas, Paulo se refira à "lei mosaica" como a principal concretização do conceito. Em Robertson (Robertson, A. T. **A grammar of the greek new Testament in the light of historical research**, 3ª edição. New York, George H. Doran Co. 1919, p. 796)(...).*

A lei compreendia toda ela aos Judeus, todavia, ao que se refere Paulo acerca das **"por obra legais"**, segundo A expressão grega **ex ergon nomou** proposta de Tenney (Tenney, M. C. **Galatian: the charter of christian liberty**. Michigan, Eerdmans Publishing, 1950, p. 194). Este é o entendimento esclarecido acima de

como era visto por Jesus e como foi combatido por ambos, tanto pelo Mestre, como por Paulo.

Todavia, os contraditores nos apresentam alguns exemplos, como em uma analogia as “obras da lei” a que Paulo se refere são as obras de todas as leis anunciadas no VT, conforme abaixo:

1 - Neste primeiro ponto, os que aceitam a graça pela fé apenas abordam que em **Nm 8:1-3; 8 e 14-18**, Esdras refere-se que “**a mesma Lei** é chamada ora de Lei de Deus ora de Lei de Moisés, indistintamente”. Assim sendo, toda a reprovação de Paulo está sobre o quesito de obras no sentido da legalidade judaizante para angariar a recompensa, já que por meio da fé e prática dos ensinamentos de Jesus é que seriam suficientes para a justificação.

Nesta citação de Esdras, encontramos em Lv 23:33-36; 39-43; Dt 16:13-15. Mediante as referências, encontramos uma lei estabelecida com preceitos para “**A Festa dos Tabernáculos**”. Certamente que esta obra da legalidade religiosa se tornou mais importante do que a prática dos ensinamentos do Mestre com o passar dos séculos. Por este motivo que, tanto Jesus como Paulo combatiam estes comportamentos farisaicos. Ou seja, alguém aqui pratica esta legalidade religiosa que é uma lei divina, segundo os que aceitam a graça pela fé apenas? Cremos que não, e por este motivo que salientamos a prática do Evangelho.

2 - Já em **Gl 3:10**, os que aceitam a graça pela fé apenas enfatizam que nesta citação lemos que: “*Maldito todo aquele que não permanecer em todas as coisas que estão escritas no livro da lei para fazê-las*”, e este vem a classificar como “numa clara citação a Dt 27:26, que enumera “**obras da lei**” tanto as cerimoniais como a parte integrante dos 10 mandamentos”. Ao examinarmos o texto aludido, chegamos ao seguinte parecer. Primeiro, segundo os que aceitam a graça pela fé apenas, as obras da lei são todas as obras a que se refere Paulo, entretanto se não há nenhuma diferenciação de boas obras como as obras da lei, este argumento se **autopulveriza** em dois aspectos, pois, nos versos posteriores da passagem aventada, lemos:

*E é evidente que, **pela lei, ninguém é justificado diante de Deus**, porque o justo viverá pela fé. Ora, **a lei não procede de fé**, mas: **Aquele que observar os seus preceitos por eles viverá.** (Gl 3:11-12).*

Após este esclarecimento, vemos que o defensor da graça encontra-se em dois dilemas.

a) Se para os que aceitam a graça pela fé apenas, as “boas obras” e “obras da lei” são a mesma coisa, temos no texto acima que **pela lei, ninguém é justificado diante de Deus** e que em Tiago lemos: *Verificais que **uma pessoa é justificada por obras** e não por fé somente (Tg 2:24)*. Se Paulo se refere às legalidades religiosas e Tiago das boas obras, o problema está resolvido, mas se os que aceitam a graça pela fé apenas sustentarem a sua tese de não separar o trigo do joio, eles anulam em sua interpretação um desses textos confrontados e controversos.

b) Outro dilema em que estão os que aceitam a graça pela fé apenas com a sua linha de argumentação, é que se **a lei não procede de fé**, essas mesmas obras não procedem da fé, tão logo a fé não seria a causa e as obras nem muito menos seriam a consequência. Porém, se é acerca das legalidades religiosas que Paulo se refere e não as obras da lei como um todo, tão logo teremos sanado o problema, pois **as boas obras procedem da fé que sem elas é morta**.

3 – Os que aceitam a graça pela fé apenas encerram dizendo que em **Mc 7:10**, “Jesus declara: “*Porque Moisés disse: Honra a teu pai e a tua mãe*”. E ainda, segundo eles: “Jesus coloca este mandamento a ser observado como lei de Moisés e, portanto, esta também seria uma ‘obra da lei’ de Moisés”. Quem declara este mandamento (**Ex 20:12**)? Certamente não foi Moisés, mas por meio dele que nos foi passado, pois este declara uma legalidade religiosa, como uma lei disciplinar na **passagem do mesmo verso** que foi suprimida,

e: Quem maldisser a seu pai ou a sua mãe seja punido de morte. (Dt 5:16; Ex 21:17; Lv 20:9)

Nesta citação do sétimo capítulo do evangelho de Marcos, Jesus enfatiza a tradição dos anciãos por darem mais valor as suas tradições religiosas, rejeitando os mandamentos divinos (Mc 7: 1-9). Há a inferência que não é o que está fora do homem que o contamina, mas o que está dentro dele que o faz, sendo estes os sentimentos de hipocrisia, rancor, mágoa, ódio, orgulho, egoísmo e não um demônio externo.

Portanto, ao fim destes três pequenos exemplos mal compreendidos, dentre outros mais que trouxemos, estes são suficientes para esvaziar a afirmação de que Paulo se referia as “boas obras” e “obras da lei” como um todo. Ademais, o pensamento e atitude de Paulo era a de que ele estava se referindo, não a que o indivíduo ‘não seria justificado por suas obras, mas sim, não seria justificado pelas obras da legalidade religiosa’, ou através das “obras da lei”.

Com efeito, cremos que ter fé, só por ter de nada adianta, já que **a fé sem obras está morta**, porém, para os que aceitam a graça pela fé apenas, o apóstolo “Paulo ensina outra coisa, que as obras, sem a fé, não salvam ninguém”. E **onde que há efeito sem causa?** Não há a possibilidade de existirem as “boas obras” que, sendo de amor ao próximo possam ser diferenciadas das mesmas “boas obras” universais de amor ao próximo. Seria como tentar condenar alguém que pratica esta lei de “**amor ao próximo**”, sendo que todos que as praticam serão os justos e **os injustos serão todos aqueles que não as praticam**. Esta será a diferença entre justos e injustos.

Referente ao texto de **Gl 5:4-6** foi esclarecido no texto em análise, e conforme Paulo, este diz que **Separados estais de Cristo, vós os que vos justificais pela lei; da graça decaístes. (v. 4)**. Mais adiante, o apóstolo Paulo identifica qual era tal preceito religioso da lei de Moisés que ainda vigorava e que não justificava, tal como:

*Nós, entretanto, pelo Espírito aguardamos a esperança da justiça que provém da fé. Porque em Cristo Jesus **nem a circuncisão nem a incircuncisão vale coisa alguma; mas sim a fé que opera pelo amor.** (vv. 5-6).*

Quando Paulo fala que **a fé que opera pelo amor**. Não que ele queria dizer que a fé opera o amor, mas que a fé é operada pelo amor, ou seja, através do amor das boas obras que exemplificam o “**amor ao próximo**” e que exprimem o princípio de que “**a fé sem obras está morta**” de que o amor que faz a fé operante. Caso contrário, a fé é morta!

Mais adiante, quando os que aceitam a graça pela fé apenas comentam o texto de **Gl 5:14**, eles dizem que nos contradizemos textualmente, pois nesta pequena passagem, tenta o proponente passar a impressão de que ao afirmar Jesus o “Amarás ao teu próximo como a ti mesmo”, “faz parte **do mesmo mandamento** que ele um pouco mais acima chamou de “**obras da lei de Moisés**”, especificamente em (Lv

19:18)". E onde foi que afirmamos que o mandamento de "Amar o próximo como a nós mesmos" é sobre as obras da legalidade religiosa? Esclarecemos que tais obras da lei eram aventadas pelos judaizantes, conforme o próprio apóstolo Paulo que nos diz:

Mas, se sois guiados pelo Espírito, não estais debaixo da lei. (v. 18 do mesmo capítulo).

Estranho incitarmos que pelo espírito está acima da lei de "Amar a Deus sobre todas as coisas e Amar ao próximo como a si mesmo". É claro e evidente que é sobre a legalidade religiosa a que ele se refere de que:

Separados estais de Cristo, vós os que vos justificais pela lei; da graça decaístes. (v. 4 do mesmo capítulo).

Neste caso, Paulo exemplifica como sendo o preceito judaico da circuncisão, onde reza a pregação de Paulo neste ponto, recomendando que... **pelo amor servivos uns aos outros** (v. 13).

Adentrando no texto de **Gl 6:2** segundo os que aceitam a graça pela fé apenas esta passagem não "passa de exortações aos já salvos, integrantes da igreja na Galácia, alvo das cartas do apóstolo". Todavia, quando os que aceitam a graça pela fé apenas não vêem brechas para sobrepor a fé, como o simples acreditar fosse o suficiente, diz-nos que esta epístola era dedicada aos já salvos e, segundo Paulo, **Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo**. Cumprir a lei de Cristo é para com todos, pois Jesus não instituiu o "amar ao próximo como a si mesmo" como sendo o que acreditassem Nele, mas principalmente por aqueles que os perseguiam, caluniavam e odiavam-nos. Esta é a **lei de Cristo** e a sua prática é universal. (**Mt 25: 31-46**). O apóstolo Paulo nos dá ainda uma pista desta lei:

Então, enquanto temos oportunidade, façamos bem a TODOS, mas principalmente aos domésticos da fé. (v. 10 do mesmo capítulo).

Um entendimento paralelo a inferência de Paulo em realizarmos o ato de amor ao próximo, principalmente por aqueles que são domésticos da fé, é simplesmente pelo fato de, parafraseando Emmanuel que "*amem os que estão ao seu lado, pois se não formos capazes de amarmos e suportamos as cargas dos que nos rodeiam, muito menos faríamos pelos que estão foram de nosso dia a dia*".

Tentando ainda nos apresentar outro entendimento ao texto em análise, os que aceitam a graça pela fé apenas nos remetem "a lei da sementeira como que Paulo, aqui em Gálatas, simplesmente aplica a mesma parábola contada por Jesus em Mt 13, pois quem conhece a lei da sementeira sabe que, apenas os que germinarem permanecerão". Após esta sugestão dos que aceitam a graça pela fé apenas, ao contrário de querer dar o braço a torcer pelo que realmente está implícito no texto, prefere levá-lo a uma parábola que não tem nada a ver com o contexto de tal passagem que reprisamos:

Não erreis: Deus não se deixa escarnecer; porque **tudo o que o homem semear, isso também ceifará**. Porque o que semeia na sua carne, da carne ceifará a corrupção; mas o que semeia no Espírito, do Espírito ceifará a vida eterna. **E não nos cansemos de fazer bem**, porque a seu tempo ceifaremos, se não houvermos desfalecido. (**Gl 6:7-9**).

O próprio apóstolo Paulo nos dá a entender anteriormente a esta citação, nesta mesma epístola que **o que semeia na sua carne, da carne ceifará a corrupção**. Ou seja, os que praticam:

Ora as **obras da carne** são manifestas, as quais são: a prostituição, a impureza, a lascívia, a idolatria, a feitiçaria, as inimizades, as contendas, os ciúmes, as iras, as facções, as dissensões, os partidos, as invejas, as bebedices, as orgias, e coisas semelhantes a estas, contra as quais vos previno, como já antes vos preveni, que os que tais coisas praticam não herdarão o reino de Deus. (Gl 5:19-21).

E os que praticam as atitudes de “amor ao próximo”, sendo:

o que semeia no Espírito, do Espírito ceifará a vida eterna como o fruto do Espírito é: o amor, o gozo, a paz, a longanimidade, a benignidade, a bondade, a fidelidade, a mansidão, o domínio próprio; contra estas coisas não há lei. (Gl 5:22-23).

Por este motivo o outro Paulo (o Neto) apresentou uma análise mais sólida, quando disse que *É o que chamamos de Lei de Ação e Reação, vulgarmente denominada Carma. Não há como se iludir, tudo o que fizermos voltará contra nós ou a nosso favor. Se semearmos ódio, colheremos exatamente o ódio, se ao contrário, plantarmos amor; ceifaremos amor. Por isso, Paulo adverte para não nos cansarmos de fazer o bem, pois na colheita é isso que iremos colher. Querer apontar em outra direção é não querer ao menos explanar sobre o que diz o texto, tão claramente.*

Deparamos com a análise sobre o texto de **Rm 2:5-8; 9-11 e 13**. O primeiro paradigma que nos compete quebrar, é que segundo os que aceitam a graça pela fé apenas dizemos que “Paulo ensina que ninguém será salvo por praticar as ‘obras da lei’ como se os ensinamentos do apóstolo se referissem às da lei de Moisés”. Esclarecemos que o caráter de julgamento que o Paulo (apóstolo) institui, como sendo o **juízo de Deus; o qual recompensará cada um segundo as suas obras**. Assim, fica claro que os que aceitam a graça pela fé apenas começaram ignorando este fundamento.

Segundo, para Deus não há distinção entre as demais pessoas, já que todos são iguais perante Ele e a Sua lei, bem como nos diz Paulo: **glória, porém, e honra e paz a qualquer que pratica o bem; primeiramente ao judeu e também ao grego; porque, para com Deus, não há aceitação de pessoas**. Ademais, faltou aos que aceitam a graça pela fé apenas dizer neste texto que Paulo se referia aos de mesma fé como vinha afirmando, porém, vemos que para Deus, não há aceitação de pessoas. Ou seja, nenhum comentário, pois as pessoas se referem à humanidade.

Concluem os que aceitam a graça pela fé apenas que “as obras a que Paulo, o apóstolo, se refere são, exatamente, **obras da lei de Moisés**”. Enfim, para os que aceitam a graça pela fé apenas “o apóstolo Paulo afirma, no contexto, versículos 14 e 15: *porque, quando os gentios, que não têm lei, fazem por natureza as coisas da lei, eles, embora não tendo lei, para si mesmos são lei. pois mostram a obra da lei escrita em seus corações, testificando juntamente a sua consciência e os seus pensamentos, quer acusando-os, quer defendendo-os*”.

O que apresenta o apóstolo Paulo é justamente a prática da lei encontrada nos oráculos mais adiante, assim como mais importante quem as pratica, do que os que apenas creem, bem como podemos verificar:

Mas se tu és chamado judeu, e repousas na lei, e te glorias em Deus; e conheces a sua vontade e aprovas as coisas excelentes, sendo instruído na lei; e confias que és guia dos cegos, luz dos que estão em trevas, instruidor dos néscios, mestre de crianças, que tens na lei a forma da ciência e da verdade; tu, pois, que ensinas a outrem, não te ensinas a ti mesmo? Tu, que pregas

*que não se deve furtar, furtas? Tu, que dizes que não se deve cometer adultério, adúlteras? Tu, que abominas os ídolos, roubas os templos? Tu, que te glorias na lei, desonras a Deus pela transgressão da lei? Assim pois, por vossa causa, o nome de Deus é blasfemado entre os gentios, como está escrito. Porque a circuncisão é, na verdade, proveitosa, se guardares a lei; mas se tu és transgressor da lei, a tua circuncisão tem-se tornado em incircuncisão. Se, pois, a incircuncisão guardar os preceitos da lei, porventura a incircuncisão não será reputada como circuncisão? E a incircuncisão que por natureza o é, se cumpre a lei, julgará a ti, que com a letra e a circuncisão és transgressor da lei. Porque não é judeu o que o é exteriormente, nem é circuncisão a que o é exteriormente na carne. **Mas é judeu aquele que o é interiormente, e circuncisão é a do coração, no espírito, e não na letra; cujo louvor não provém dos homens, mas de Deus.** (Rm 2 17-29).*

Ou seja, Paulo combate a hipocrisia farisaica, assim como Jesus o fizera e ficou comprovado no princípio deste tópico, em nossa introdução. E como se pratica a Lei e os Profetas? **“Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo com a si mesmo”** tal é a lei. Agora, dizer que erramos em identificar o combate do apóstolo Paulo em relação ao farisaísmo, é inverter o ônus da prova e querer mostrar o oposto do que os textos não apresentam como sendo ambas as mesmas coisas as “obras da legalidade religiosa” com “as boas obras”.

Partindo desta epístola, analisaremos **Rm 3:21-28** e chegamos ao princípio de que **a fé sem obras está morta** mais uma vez. Entretanto, entendemos que por não comentar nada do que há no texto pelos que aceitam a graça pela fé apenas, ratificamos que todos os que procuravam a justiça de Deus **pela fé em Jesus Cristo**, vemos **que o homem é justificado pela fé sem as obras da lei**. Agora, o grande dilema em que se encontram os que aceitam a graça pela fé apenas, pois se para ele as “obras da lei” e “boas obras” são a mesma coisa, vemos que **a fé sem obras não está morta** e inverte até mesmo a proposta deste estudo de que **“a fé sem obras está morta”**. Nem é preciso dizer quem está se contradizendo, já que está mais claro do que a alva.

Fica evidente em tal texto, segundo o apóstolo Paulo, o homem é justificado pela fé sem as obras da lei, está querendo dizer que o homem se torna justo ao aderir ao evangelho de Jesus, não sendo mais necessário cumprir as “obras da Lei”, ou seja, a legislação mosaica, assim como a circuncisão, por exemplo.

Acerca da passagem de **Rm 8:28-30**, entendemos que:

“O projeto eterno de Deus é predestinar, chamar, tornar justo e glorificar a cada um e a todos os homens, fazendo com que todos se tornem imagem do seu Filho e reúnam como a grande família de Deus. O projeto não exclui ninguém. Mas o homem é livre: pode aceitar ou recusar tal projeto, pode escolher a vida ou a morte, salvar-se ou condenar-se” (Bíblia Sagrada, Ed. Pastoral, em nota de rodapé).

Pela vontade de Deus todos nós estaremos um dia na mesma evolução que Jesus. Seremos justificados em Jesus, quando aplicarmos, no dia a dia, os seus ensinamentos sintetizados no amor incondicional. Sobre o texto de **Rm 10:4-13**, segundo os que aceitam a graça pela fé apenas “é mais do que claro de como o ensino da fé para a salvação é tema contínuo das cartas de Paulo”. É claro que se apegarmos isoladamente a poucos versos que pregam a salvação pela fé em Jesus, acima das “obras da lei” como já explanamos amplamente neste tópico. Paulo citando “Isaías ousou dizer: **Fui achado pelos que não me buscavam, manifestei-me aos que por mim não perguntavam.** (Rm 20:20)” e ainda que aos que foram

apresentados à verdade “*Quanto a Israel, porém, diz: **Todo o dia estendi as minhas mãos a um povo rebelde e contradizente.** (Rm 20:21)*”.

Ainda sobre tal epístola, mas sobre a passagem de **Rm 13:8-11**, segundo os que aceitam a graça pela fé apenas “apenas prova o ensino de que primeiro vem a fé para a Salvação e, depois, as obras como resultado da fé”. Como sempre, aventa-se ao texto que a fé é para a salvação, segundo o contexto de Paulo, este apóstolo afirma que **ameis uns aos outros** que é segundo a essência do ensinamento de Jesus, ainda que convergindo o ensinamento entre ambos, temos que **Amarás ao teu próximo como a ti mesmo**. Ou seja, em consonância com o que foi amplamente versado neste estudo e no que há no Evangelho é que **De sorte que o cumprimento da lei é o amor**. Tendo em vista tal fundamento, entendemos que realmente aceitar a fé seja o começo, mas não um fim, **porque a nossa salvação está agora mais perto de nós do que quando aceitamos a fé**. Certamente, se a fé fosse mais importante do que a prática das boas obras de “**amor ao próximo**”, porém, sabemos que **a nossa salvação** está mais próxima pela prática do “**amor ao próximo**” do que **quando aceitamos a fé**. Ter a fé apenas, ainda nos mantém inoperantes, necessário é praticar o Evangelho para nos aproximarmos da salvação, segundo Paulo e principalmente como disse Jesus (Mt 25:31-46).

Sobre a passagem de **Ef 1:3-4**, alegam os que aceitam a graça pela fé apenas que “é mais uma exortação aos crentes”. Alegando concordar que devemos nos tornar santo e irrepreensível diante de Cristo em amor, mas segundo os que aceitam a graça pela fé apenas “isto não é para a salvação e, sim, demonstrar para o que fomos predestinados (v. 5), nós, crentes, que obtivemos a redenção não por estas obras, mas sim, “...**pelo seu sangue**, a redenção dos nossos delitos” (versículo 7 do **mesmo capítulo** de Ef). Todavia, segundo Jesus, será dado “**a cada um segundo as suas obras**”, ao qual não implica no aceite apenas do sacrifício vicário Dele, antes que coloque seus ensinamentos em prática. Destarte, este é o caráter de julgamento e todos que praticam tal lei **para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em amor** uns para com os outros, através do “**amor ao próximo**”.

Iremos esclarecer ainda mais amplamente sobre o significado da Transubstanciação, onde entendo que muitos têm colocado o amor **pelo seu sangue** acima da prática de Seus ensinamentos de “**Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo**”. Destarte, eis o perigo de voltar-se a prática de legalidades evangélicas nos dias de hoje, assim como outrora.

No que tange aos textos aludidos de **Col 3:12-14 e 15-17**, no qual o acreditamos que as boas obras sejam apenas para Glorificar a Deus! Mas também, com efeito, **foi pelas obras que a fé se consumou**, (Tg 2:22). Se as boas obras, e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus, certamente não é através da fé que resplandecerá a nossa luz e sim através das nossas boas obras, não para alimentar o nosso orgulho diante dos homens, mas para exortar o Evangelho vivo em nossas atitudes, do contrário, “**a fé sem obras está morta**”.

Finalizando o pensamento de Paulo com o texto de **I Tm 2:1-4**, os que aceitam a graça pela fé apenas explicam exatamente o motivo de fazerem “deprecações, orações, intercessões, e ações de graças, por todos os homens; pelos reis, e por todos os que estão em eminência, para que, além de termos uma vida quieta e sossegada, em toda a piedade e honestidade, as pessoas venham ao pleno conhecimento da verdade e sejam salvos por aquele que se deu a si mesmo em resgate por todos (v. 6 do mesmo capítulo)”. Apenas uma parte suprimida, pois para **Deus nosso Salvador, que quer que todos os homens se salvem, e venham ao conhecimento da verdade**. E outro questionamento que deixamos para meditação:

Paulo exorta a Timóteo a praticar boas obras a favor de todos: amor altruísta e se Deus quer que todos os homens se salvem, quem poderá ser contra a vontade de Deus?

Ademais, para efetuar a nossa conclusão ao pensamento de Paulo sobre as “obras da lei”, não sendo estas como um caráter universal de obras. Fica um tanto que claro quando Paulo distinguiu as “obras da lei” pelas “boas obras” de Jesus:

*Porque, sendo livre de todos, fiz-me escravo de todos, a fim de ganhar o maior número possível. Procedi, para com os judeus, como judeu, a fim de ganhar os judeus; para os que vivem sob o regime da lei, como se eu mesmo assim vivesse, para ganhar os que vivem debaixo da lei, **embora não esteja eu debaixo da lei**. Aos sem lei, como se eu mesmo o fosse, não estando sem lei para com Deus, **mas debaixo da lei de Cristo**, para ganhar os que vivem fora do regime da lei. (I Co 9:19-21).*

Assim como Paulo deixa claro que não estivesse **debaixo da lei**, representando as obras da legalidade judaizante de sua época, **mas debaixo da lei de Cristo**. Seria estranho Paulo não estar debaixo da lei do “**Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo**”, sendo esta a lei de Jesus. Destarte, Paulo estava debaixo desta lei e não daquela, assim como nos evidencia na parábola dos cabritos e ovelhas já analisadas, evidenciando que “a cada um segundo as suas obras” é o fundamento de julgamento que o mesmo Paulo pregou.

16. O pensamento de Pedro

Partindo da premissa dos esclarecimentos que realizamos sobre o pensamento de Paulo, separamos o conceito que este apóstolo dava às obras da legalidade judaica e às boas obras de amor ao próximo, pregadas pelo Mestre Jesus. Assim como realizamos as explanações acima, enfatizamos que os que aceitam a graça pela fé apenas afirmaram o pensamento de Paulo voltados apenas a fé que outorga a salvação, entretanto, aponta para uma séria advertência do apóstolo Pedro:

*É o que, aliás, ele ensina em todas as suas cartas. Nelas existem passagens de difícil compreensão; e **existem pessoas ignorantes e inconstantes que lhes deformam o sentido, como aliás o fazem com outras partes das Escrituras, para a sua própria ruína.** (II Pe 3, 26).*

Dizem os que aceitam a graça pela fé apenas que as duas epístolas de Pedro são universais e que são dirigidas aos primeiros cristãos. Não há como negar tal evidência textual, porém, como aos primeiros cristãos que foram dirigidas tais epístolas, este apóstolo não poderia deixar de exortá-los a **prática da caridade** e ratificar o caráter de julgamento, sendo que Deus **julga segundo a obra de cada um**. Mesmo estes primeiros cristãos que alcançaram fé igualmente preciosa na justiça do nosso Deus e salvador Jesus Cristo, porém, vemos que ainda era necessário acrescentar **à vossa fé a virtude** que é **o amor fraternal, e ao amor fraternal a caridade**, provando que a “**fé sem obras está morta**” e que, porventura nada gera, nem muito menos a salvação, já que sem as boas obras, ela é morta. Deixaremos para tratar da Transubstanciação para análise no texto “**Seremos salvos ou temos que nos salvar?**”, subsequente a nossa argumentação sobre **aspersão do sangue de Jesus Cristo e o sangue de Cristo** com o seu real significado simbólico e não literal.

Partindo para a análise dos que aceitam a graça pela fé apenas, acerca do pensamento de Pedro, assim o vemos em escrutínio a passagem de **I Pe 1:17**, com os seguintes comentários de que “o termo **“Deus não faz acepção de pessoas”** não é um termo que designe **‘salvação pelas obras’**, muito pelo contrário, apenas denota que Deus aceita e aceitará a todos aqueles que vierem ao conhecimento de Cristo e O aceitarem como Salvador”. Todavia, tal passagem distorcida pelos que aceitam a graça pela fé apenas não se resume apenas em que **“Deus não faz acepção de pessoas”**. Em sentido de que seja **“salvação pelas obras”**. Ocorre que para Deus todos nós somos iguais perante a sua lei, portanto, todos nós seremos julgados por ela e **segundo a obra de cada um**. Tendo suprimido este princípio de julgamento através das obras, inverteu-se o entendimento, corrompendo o sentido deste caráter de julgamento. Destarte, a passagem prossegue em testificar este princípio:

*E, se invocais por Pai aquele que, **sem acepção de pessoas**, julga **segundo a obra de cada um**, andai em temor, durante o tempo da vossa peregrinação. (I Pe 1:17).*

Após fundamentarmos, segundo Pedro, o caráter de julgamento ser **segundo a obra de cada um**, mesmo não tendo nenhum comentário acerca deste princípio, ainda alegam os que aceitam a graça pela fé apenas que: “segundo o Pedro, este próprio apóstolo ensina, assim como Paulo, a fé para a Salvação, conforme vemos no versículo 5: ... que pelo poder de Deus sois guardados, **mediante a fé, para a salvação** que está preparada para se revelar no último tempo; e 9 alcançando o fim da vossa fé, **a salvação das vossas almas**”. Entretanto, fica claro que acreditar em Jesus somente não era suficiente, pois, segundo o Mestre é necessário em colocar todos os Seus ensinamentos em prática através das boas obras de amor ao próximo, já que **a fé sem obras está morta**, tão logo não poderá gerar a salvação e por este motivo que o Pai **julga segundo a obra de cada um**. Destarte, segundo os que aceitam a graça pela fé apenas, “as obras como resultado desta mesma fé, no versículo 15 do mesmo capítulo: sede vós também santos em todo o vosso procedimento”. Mas a fé sem obras está morta e não havendo este **procedimento** para as boas obras de amor ao próximo, certamente não estará sobre a rocha.

Sobre o texto aludido de **I Pe 3:8-12** e segundo os que aceitam a graça pela fé apenas este “não altera em nada o entendimento fartamente exposto sobre as boas obras como resultado de alguém já salvo”, ou seja, não está implícito a exortação de obras de um já salvo, por que o Pai **julga segundo a obra de cada um**? É pelo simples fato de que qualquer um, crendo ou não em Jesus é capaz de realizar o mal e assim sendo, todos iremos ser pesados pelas nossas atitudes expressas em nossas obras.

Certamente que se **a fé sem obras está morta**, tão logo, vemos que **todos de um mesmo sentimento, compassivos, amando os irmãos, entranhavelmente misericordiosos e afáveis**, através das obras e não da fé somente. Com efeito, chegamos a conclusão à mesma conclusão de Pedro, de que “A caridade cobre uma multidão de pecados”, é por isso que o lema do Espiritismo é: *“Fora da caridade não há salvação”*.

Para finalizar o pensamento de Pedro, as que aceitam a graça pela fé apenas citam o texto de **II Pe 1:2-10**, onde também acreditamos que é precioso, tanto que realmente é mais uma exortação aos crentes. Se Pedro foi é duro com aqueles que se dizem salvos e não agem como tal como este recomenda:

*E vós também, pondo nisto mesmo toda a diligência, **acrescentai à vossa fé a virtude**, e à virtude a ciência, e à ciência a temperança, e à temperança a*

paciência, e à paciência a piedade, e à piedade o amor fraternal, e ao amor fraternal a caridade. Porque, se em vós houver e abundarem estas coisas, não vos deixarão ociosos nem estéreis no conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo. Pois aquele em quem não há estas coisas é cego, (II Pe 1:2-10)

Encerram ainda os que aceitam a graça pela fé apenas em salientar que “vendo somente o que está perto, havendo-se esquecido da **purificação dos seus antigos pecados**”, onde infelizmente, distorcem o sentido e não frisaram em enfatizar: “**ociosos e estéreis no conhecimento de Cristo**”. Ou seja, segundo Pedro é necessário acrescentar **à vossa fé a virtude** que é o **amor fraternal a caridade**, já que **a fé sem obras está morta**.

17. O pensamento de João

Iniciamos a análise do pensamento de João, com os comentários dos que aceitam a graça pela fé apenas que “a sua primeira carta já mostra a quem são as exortações às boas obras. Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifesto o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque assim como é, o veremos”. Citam ainda os que aceitam a graça pela fé apenas que: “**Se alguém é tido como filho de Deus, como diz João, não ama de palavra, mas de obras e em verdade (I Jo 3:18)**”. Concordamos, pois não somente pela fé, mas ao texto aludido que apresentamos de **I Jo 3:17-18** encontramos que **não amemos de palavra, nem de língua, mas por obra e em verdade**. Com efeito, se é através das boas obras que devemos amar verdadeiramente, nem é preciso dizer mais nada, João Evangelista já encerrou o princípio de que **a fé sem obras é morta** e os demais apóstolos e o próprio Jesus institui o caráter de julgamento como sendo “**a cada um segundo as suas obras**”. De tudo isso, não há como fugir.

* Considerações Finais

Caro Leitor, pudemos apresentar-vos e entendemos que conseguimos firmar a tese em bases profundas na pedra angular de que verdadeiramente “**a fé sem obras é morta**”, que o caráter de julgamento é “**a cada um segundo as suas obras**”, e somente se pegarmos versículos isolados de seu contexto, poderemos provar que a fé somente é suficiente. Todavia, faz-se necessário buscar a essência dos ensinamentos do Mestre e dos demais apóstolos em conjunto de que será através da prática das boas obras de “**amor ao próximo**” que iremos alcançar a perfeição e o nosso galardão para com o Pai.

Esta é a conclusão que chegamos, os que aceitam a graça pela fé apenas chegam à seguinte conclusão de que a “fé sem obras é morta, mas apenas as obras não são suficientes para termos a Salvação”. E a fé sem obras é suficiente para angariarmos a salvação? Enfim, o que efetivamente nos salva? A resposta é sintomática: A PRÁTICA DOS ENSINAMENTOS DE JESUS.

Entretanto, ainda encerram os que aceitam a graça pela fé apenas em dizer que: “não adianta pinçar da Bíblia mandamentos de Cristo para que façamos boas obras como se elas nos garantissem a salvação”. E se não praticarmos as boas obras,

a nossa fé será viva? Cremos que não, muitos que aceitam a graça pela fé apenas se furtam do direito de fundamentar algo sobre tal ensinamento (Mt 25:31-46), se desviou para o dogma das penas eternas. Resumindo, a fé sem obras está morta, e o que fundamentamos é que seremos julgados pelas obras, e não pela fé. Se sem fé é impossível agradar a Deus, mas se esta fé não tiver as boas obras, será morta. Ou seja, é preciso crer em Jesus, mas só provaremos a nossa crença Nele através de nossas atitudes (boas obras). Assim como nos disse Ele: *Porque o Filho do Homem há de vir na glória de seu Pai, com os seus anjos, e, então, retribuirá a cada um conforme as suas obras.* (Mt 16:27). Não serei eu que vou contestar Jesus, pois estou com Ele e não abro, creio que será dado “a cada um segundo as suas obras”. A separação que haverá, não será através da fé, mas sobre justos e injustos (Mt 25:31-46).

Thiago Toscano Ferrari
Julho / 2006
(Revisado Outubro / 2013)

Referências bibliográficas:

Bíblia Sagrada, São Paulo: SBB, 2000.
Bíblia Sagrada, Editora Ave Maria, São Paulo, SP, 68ª edição, 1989.
Bíblia de Jerusalém, nova edição. São Paulo: Paulus, 2002.
Bíblia Sagrada, Edição Pastoral, Paulus, São Paulo, SP, 43ª edição, 2001.
KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, São Paulo: PETIT, 2004.
KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*, São Paulo: PETIT, 2004.
KARDEC, A. *A Gênese*, Editora, São Paulo: PETIT, 2004.
PALHANO JR, L. *Aos Gálatas – a carta da redenção*. Niterói, RJ: Lachâtre, 1999.
SOBRINHO, P. S. N. *O que efetivamente nos salva?* Belo Horizonte, 2003,
http://www.apologiaespirita.org/apologia/artigos/025_O_que_efetivamente_nos_salva.pdf, acesso em 04.2006.

Internet:

[1] http://pt.wikipedia.org/wiki/95_teses_de_Lutero, consultada julho 2006.